

SIMON SCARROW

A ÁGUIA E OS LOBOS

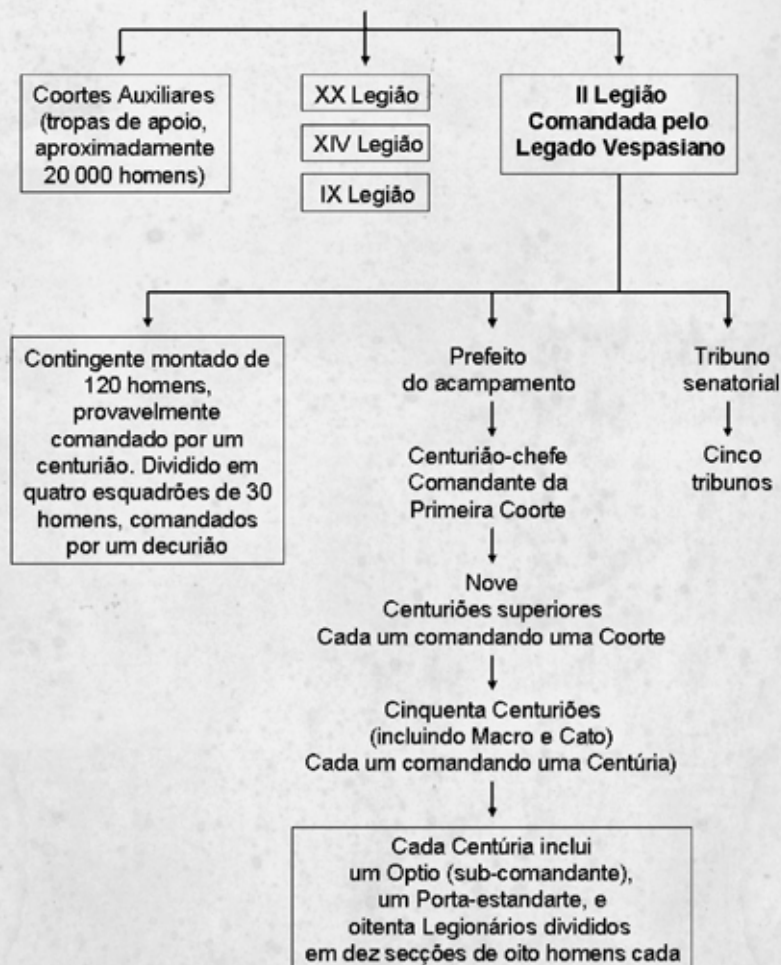
TRADUÇÃO DE JOSÉ SARAIVA



A CADEIA DE COMANDO ROMANA EM 44 D.C.



General Áulio Pláucio





AGRADECIMENTOS

A série da *Águia* tem tido muito maior sucesso do que alguma vez imaginei possível. É chegado o momento de agradecer a algumas das pessoas que têm estado nos bastidores. Na altura em que estava a acabar este livro tive a felicidade de ser convidado para uma conferência de vendas da *Headline*, e duas coisas ficaram bem marcadas no meu espírito.

Primeira, a quantidade de gente que está envolvida na produção dos livros e em fazê-los chegar às prateleiras das livrarias, na Grã-Bretanha como — agora — nos Estados Unidos, na Espanha e na Alemanha.

Segunda, o sentimento positivo que toda a gente tem sobre a série, em especial a equipa de vendas, que acreditou firmemente na série da *Águia* e conseguiu contagiar os responsáveis pelas compras das lojas com o seu entusiasmo. Daí para a frente, o sucesso dos livros ficou muito a dever-se às recomendações dos leitores aos amigos, o que me deixa maravilhado.

Portanto, tiro o meu chapéu ao meu agente, Merric Davidson — um senhor em todo o sentido da palavra; a Sherise Hobbs — a assistente de Marion Donaldson, sempre bem disposta ao telefone e terrivelmente eficiente quando o larga; a Kim Hardie, infatigável na luta por espaço nas colunas de recensão de livros; e a Sarah Thomson, que conseguiu alguns negócios impressionantes na venda de direitos da série para o estrangeiro.

E ainda há Kerr MacRae e a sua equipa, que espalharam a palavra por todo o lado. Sem ordem particular, aqui vão: Sabine Stiebritz (que organiza eventos sociais fantásticos), James Horobin, Katherine Ball, Barbara Ronan, Peter Newsom, Seb Hunter, Sophie Hopkin, Paul Erdpesser (que parece o irmão gémeo de uma certa estrela de cinema), Jo Taranowski, Diane Griffith, Selina Chu e Jenny Gray. Pelos caminhos do mundo andam Ruth Shern, Heidi Murphy e Breda Purdue na Irlanda, Damon Richards, Nikki Rose, Alex MacLean, Clare Economides, Steve

Hill, George Gamble e Nigel Baines no Reino Unido. Por fim, mas de forma alguma menos importante, há o Tony McGrath, com quem é sempre um prazer encontrar-me e trocar histórias sobre a educação das crianças, em frente a um café forte no Starbucks de Norwich.

A todos, a minha gratidão, e o meu obrigado,

Simon



ORGANIZAÇÃO DE UMA LEGIÃO ROMANA

Os centuriões Macro e Cato são os protagonistas principais de *Águia e os Lobos*. Para clarificar a estrutura de comando para os leitores que não estão familiarizados com as legiões romanas, preparei um guia básico das patentes que surgem ao longo do romance. A Segunda Legião, o “lar” de Macro e Cato, era composta por cerca de cinco mil e quinhentos homens. A unidade básica era a centúria, oitenta homens comandados por um centurião coadjuvado por um optio. A centúria era dividida em secções de oito homens, os quais partilhavam o alojamento nas casernas (um quarto) e nas campanhas (uma tenda). Uma coorte era composta por seis centúrias, uma legião por dez coortes, embora a primeira coorte tivesse o dobro dos homens das outras. Cada legião era acompanhada por um contingente de cavalaria, cento e vinte homens divididos em quatro esquadrões, que desempenhavam missões como batedores e mensageiros. Por ordem descendente, as principais patentes da legião eram as seguintes:

O *legado* era um homem de origem aristocrática. Geralmente por volta dos trinta e poucos anos, comandava a legião por um período de até cinco anos, tentando estabelecer uma reputação que lhe permitisse depois abraçar uma carreira política de sucesso.

O *prefeito do campo* era um veterano experimentado, que tinha passado antes pelo posto de centurião-chefe da legião, e que estava no ponto máximo de uma carreira militar profissional. Possuía vasta experiência e reconhecida integridade, e era a ele que cabia o comando da legião na ausência do legado.

Seis *tribunos* desempenhavam cargos no estado-maior da legião. Eram homens de vinte e poucos anos, que serviam pela primeira vez no exército de forma a adquirirem experiência administrativa, antes de assumirem postos menores na administração civil. O tribuno-chefe era diferente. Provinha de uma família da classe senatorial, e o seu destino era um alto posto de nomeação política, por vezes o comando de uma legião.

Sessenta *centuriões* forneciam a espinha dorsal a uma legião, sendo responsáveis pela disciplina e treino dos homens. Eram escolhidos pelas suas capacidades de comando e pela sua disponibilidade para combater até à morte. Por essa razão, a sua taxa de mortalidade era muitíssimo mais elevada que a das outras patentes. A hierarquia entre eles era baseada na data de promoção. O mais antigo dos centuriões comandava a Primeira Centúria da Primeira Coorte, e era um soldado condecorado e respeitado.

Os quatro *decuriões* da legião comandavam os esquadrões de cavalaria, e almejavam ser promovidos ao comando das unidades auxiliares de cavalaria.

Cada centurião era auxiliado por um *optio*, que tinha responsabilidades de comando menos importantes. Esperavam por vagas para serem promovidos ao centurionato.

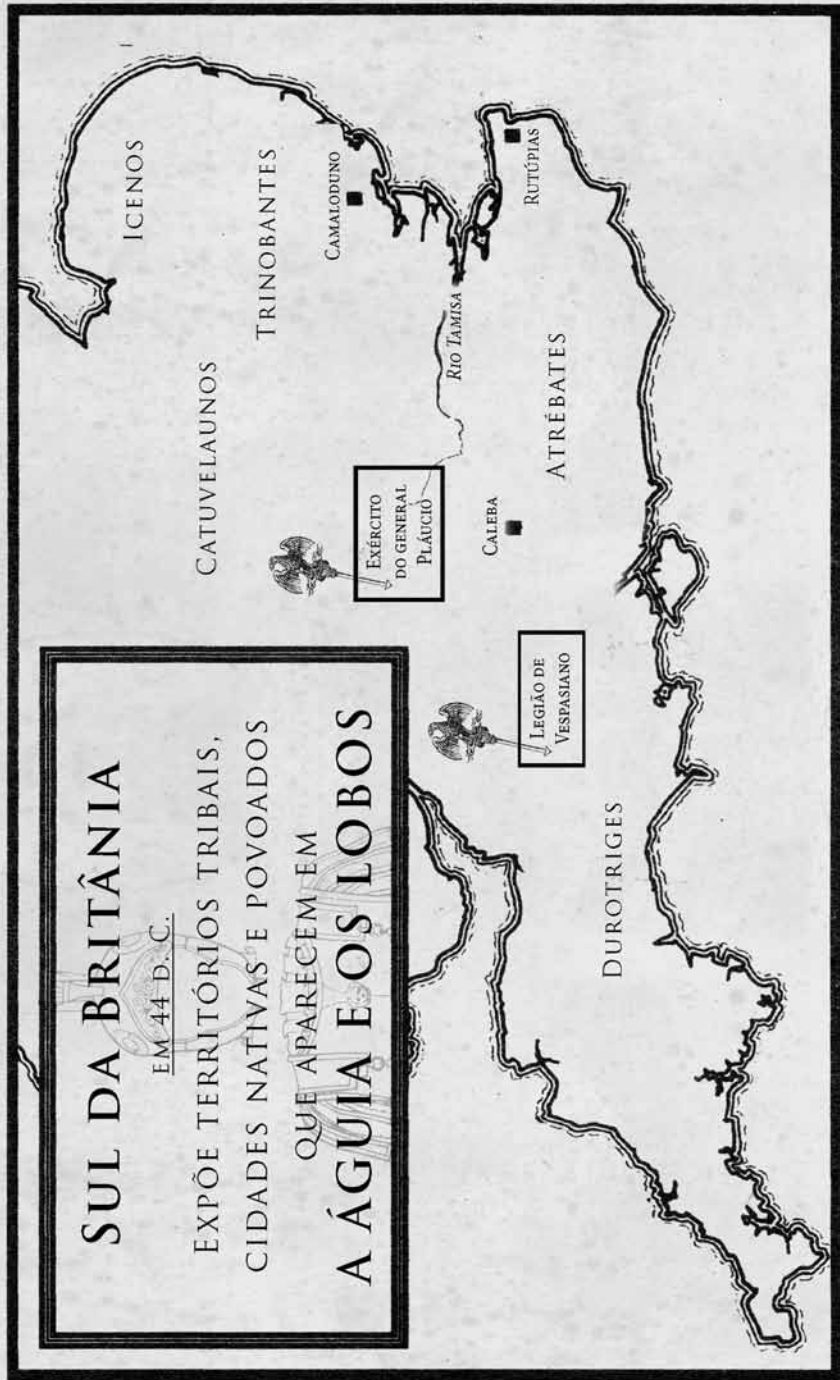
Os *legionários* eram homens que se tinham alistado por um período de vinte e cinco anos. Teoricamente, só cidadãos romanos se podiam alistar, mas os voluntários eram cada vez mais recrutados entre as populações das províncias, sendo-lhes concedida a cidadania quando se alistavam.

Com um estatuto inferior aos legionários, havia ainda os homens das *coortes auxiliares*. Eram recrutados nas províncias e forneciam ao Império Romano a cavalaria, a infantaria ligeira e outras especialidades. A cidadania era-lhes concedida ao fim de vinte e cinco anos de serviço, ou em recompensa por feitos extraordinários no campo de batalha.

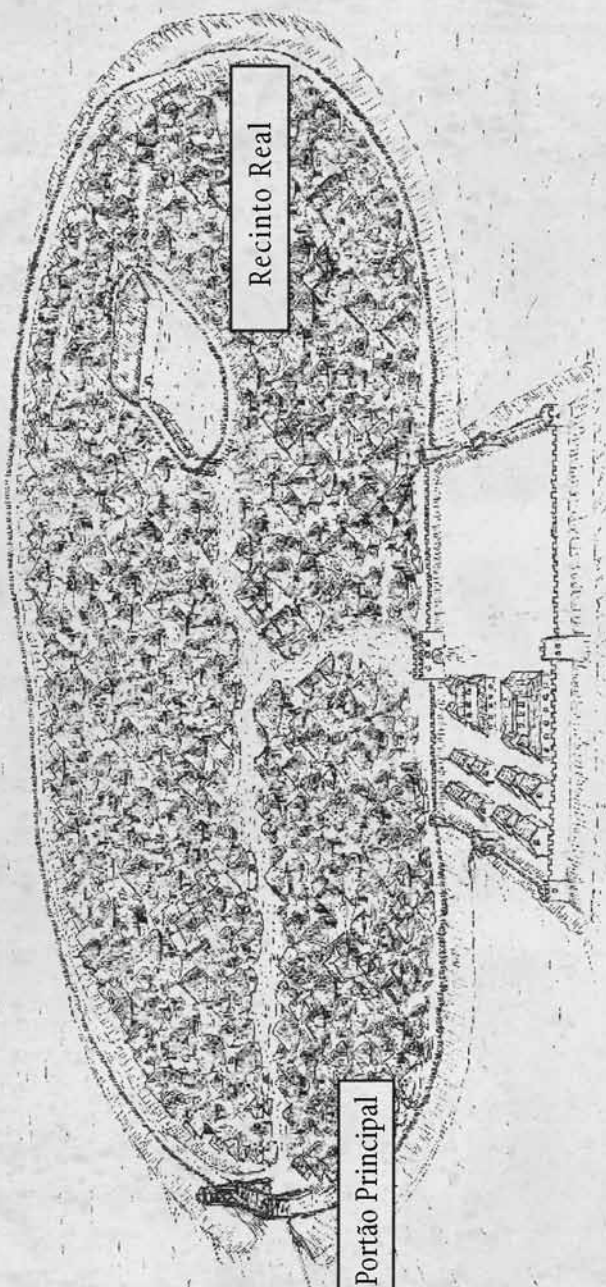
SUL DA BRITÂNIA

EM 44 D. C.

EXPÕE TERRITÓRIOS TRIBAIS,
CIDADES NATIVAS E POVOADOS
QUE APARECEM EM
A ÁGUA E OS LOBOS



CALEBA



Recinto Real

Portão Principal

Depósito Romano



I

— Alto! — Exclamou o legado, erguendo o braço.

Enquanto a escolta montada que o seguia se detinha, Vespasiano esforçou-se por detectar de novo o som que tinha escutado um momento antes. Agora que já não era abafado pelo ruído dos cascos a percutirem a superfície do caminho, ouvia-se o som das trombetas de guerra Britânicas, vindo da direcção de Caleba, a alguns quilómetros dali. A cidade era a capital dos Atrébates, uma das poucas tribos aliadas a Roma, e por instantes o legado questionou-se se Carátaco, o comandante inimigo, teria tido a ousadia de atacar tão profundamente na retaguarda das forças Romanas. Se Caleba estava a ser atacada...

— Vamos!

Dando com os calcanhares nos flancos do cavalo, Vespasiano encolheu-se sobre a sela e encorajou a montada a subir a encosta. A escolta, uma dúzia de batedores da Segunda Legião, seguiu-o. Proteger o comandante era o seu dever sagrado.

O caminho subia a encosta na diagonal até uma longa crista, descendo para Caleba do outro lado. A cidade estava a ser utilizada como sede do depósito avançado de abastecimentos da Segunda Legião. Esta tinha sido destacada do exército comandado pelo General Áulio Pláucio, com ordens para derrotar os Durotriges, a última das tribos meridionais que lutava ainda ao lado de Carátaco. Só depois da destruição destes é que as linhas de abastecimento romanas ficariam seguras, permitindo então às legiões o avanço para Norte e para Oeste. E sem abastecimentos, o general Pláucio não alcançaria qualquer vitória, e a prematura celebração da conquista da Britânia pelo Imperador seria desmascarada como uma fraude perante o povo de Roma. O destino do general Pláucio e das suas legiões — de facto, o destino do próprio Imperador — estava portanto dependente das artérias, finas e esticadas ao máximo, que alimentavam as legiões, as quais podiam ser cortadas com facilidade por um golpe bem aplicado.

Colunas de carroças pesadas partiam com regularidade da vasta base que os romanos tinham estabelecido no estuário do Tamisa, o rio que serpenteava pelo interior da Britânia, à qual chegavam as provisões e os equipamentos enviados da Gália. Há já dez dias que a Segunda Legião não recebia abastecimentos de Caleba. Vespasiano deixara as suas forças a cercarem uma das maiores fortalezas dos Durotriges e dirigira-se à cidade para investigar a questão. A sua legião já estava a rações reduzidas, e havia pequenos bandos de inimigos à espreita nas florestas vizinhas, preparados para atacar os grupos que tentassem obter alguma caça, e que para isso se afastassem do corpo principal da legião. A não ser que Vespasiano conseguisse resolver o assunto e assegurar a entrega de víveres aos seus homens, a Segunda Legião ver-se-ia forçada a recuar para o depósito de Caleba.

Era-lhe fácil imaginar a raiva com que o General receberia notícias de tal revés. Áulio Pláucio tinha sido nomeado pelo Imperador Cláudio para o comando do exército romano cuja missão era adicionar a Britânia e as suas tribos ao Império. Apesar das vitórias do general sobre as tribos bárbaras no Verão anterior, a verdade é que Carátaco reorganizara o seu exército, e ainda desafiava Roma. Tinha aprendido bastante com a campanha do ano anterior, e agora recusava-se a enfrentar as legiões em campo aberto. Ao invés, organizava colunas que se deslocavam rapidamente e atacavam as linhas de abastecimento da imensa máquina de guerra romana. Cada milha que o General e as suas legiões avançavam aumentava a vulnerabilidade das vitais artérias por onde circulavam os abastecimentos romanos.

Assim, o resultado da campanha deste ano dependia de qual das estratégias triunfaria. Se o General Pláucio conseguisse forçar os Bretões a enfrentá-lo numa batalha em linha, as legiões triunfariam. Por outro lado, se aqueles conseguissem evitar as batalhas e limitar a capacidade de abastecimento das legiões, deixá-las-iam enfraquecidas e talvez conseguissem forçar o General a uma perigosa retirada até a costa.

Enquanto Vespasiano e a sua escolta galopavam até à crista da colina, os sons das trombetas tornaram-se mais estridentes. Conseguiam-se agora ouvir homens a gritar, os choques metálicos das armas, e os sons abafados dos golpes que se abatiam sobre os escudos. Antes de alcançar o cimo, Vespasiano reparou na forma como as longas ervas se recortavam contra o céu; depois o seu olhar concentrou-se na cena que se desenrolava do outro lado da colina. À esquerda, via-se Caleba, uma extensão apreciável de esqualidas e pequenas cabanas com telhados de colmo, envolvida por baluartes de terra e uma paliçada. Sobre a cidade espalhava-se uma fina névoa de fumo. Uma linha de solo esventrado indicava a estrada que saía da alta torre de madeira que sobranceava o portão da cidade e se dirigia ao Tamisa. E nessa estrada, a meia milha de Caleba, viam-se alguns dos vagões de um

comboio de abastecimentos, protegidos por um pequeno número de tropas auxiliares. À sua volta circulava o inimigo, pequenos bandos de guerreiros pesadamente equipados, mas também infantaria ligeira, equipada com fundas, arcos e dardos. Mantinham uma barragem de projecteis sobre o comboio e a escolta. O sangue escorria pelos flancos dos animais que puxavam as carroças, e o trajecto estava juncado de cadáveres.

Vespasiano e os seus homens pararam, enquanto o legado avaliava a situação. Enquanto observava, um grupo de Durotriges avançou sobre a retaguarda do comboio e lançou-se contra as tropas auxiliares. O comandante do comboio, fácil de identificar na sua capa escarlate, de pé sobre o banco do condutor do vagão da frente, pôs as mãos em concha e berrou uma ordem, que fez com que o comboio se detivesse. Os auxiliares tinham feito recuar os atacantes com alguma facilidade, mas os seus camaradas na frente eram agora alvos estáticos para os projecteis do inimigo, e quando o comboio se voltou a colocar em movimento já havia mais alguns corpos de soldados da escolta espalhados pelo chão.

— Onde está a merda da guarnição? — Resmungou um dos membros da escolta de Vespasiano. — Por esta altura já deviam ter percebido o que está a acontecer.

Vespasiano lançou um olhar sobre as linhas regulares do depósito fortificado, adjacente aos baluartes de Caleba. Viam-se pequenas figuras escuras a correr por entre os edifícios, mas não havia sinais de uma formação de combate. Tomou uma nota mental para desancar o comandante da guarnição assim que entrasse no depósito.

Se lá conseguisse chegar, reflectiu, já que a escaramuça se desenrolava entre a posição que ocupava com o seu grupo e os portões de Caleba.

Se a guarnição não fizesse rapidamente uma sortida, o comboio seria dizimado e finalmente destruído pelo inimigo. Apercebendo-se de que o momento decisivo se aproximava, os Durotriges encurtavam a distância para as carroças, berrando gritos de guerra e batendo com as espadas nos escudos, para se motivarem ainda mais.

Vespasiano arrancou a capa dos ombros. Segurando com firmeza as rédeas numa mão, empunhou a espada com a outra, e virou-se para os batedores.

— Formem uma linha!

Os homens olharam-no, surpreendidos. O legado tencionava carregar sobre o inimigo, mas isso era o equivalente a um suicídio.

— Formem a linha, porra! — Gritou Vespasiano, e desta vez os homens obedeceram de imediato, espalhando-se de ambos os lados do legado, e preparando as lanças. Assim que a formação ficou pronta, Vespasiano deu sinal, baixando a espada.

— Vamos!

Naquela manobra não existiu nenhum traço da precisão de uma parada. O pequeno grupo de cavaleiros limitou-se a esporear os cavalos, forçando-os a lançarem-se sobre os inimigos, sem qualquer preparação. Enquanto o sangue lhe latejava aos ouvidos, Vespasiano deu por si a questionar a sanidade daquela carga selvagem. Teria sido mais fácil ficar a assistir à destruição do comboio, e esperar que o inimigo triunfante se retirasse dos destroços, antes de seguir para Caleba. Mas teria sido também uma cobardia, e no fim de contas aqueles abastecimentos eram desesperadamente necessários. Cerrou portanto os dentes e empunhou firmemente a espada na mão direita, à medida que se aproximava das carroças.

Na base da encosta, o som dos cavalos que se aproximavam fez com que as faces se virassem naquela direcção, e a barragem de projecteis que se abatia sobre a coluna diminuiu de intensidade.

— Ali! Por ali! — Berrou Vespasiano, apontando para uma linha esparsa de arqueiros e fundibulários. — Sigam-me!

Os batedores formaram uma linha atrás do legado e carregaram obliquamente pelo declive, avançando sobre os Durotriges equipados com armas ligeiras. À frente dos cavaleiros, os Bretões já dispersavam, os gritos de triunfo a morrerem-lhes nos lábios. Vespasiano apercebeu-se de que o comandante do comboio tinha aproveitado a diversão e de que os vagões já rolavam novamente na direcção da segurança dos baluartes de Caleba. Mas o líder dos Durotriges também não era parvo, e um rápido relance mostrou a Vespasiano que a infantaria pesada e os carros de combate inimigos já se moviam para cortar o caminho à coluna Romana antes que esta atingisse os portões da cidade. A curta distância à sua frente, homens em trajes imundos desviavam-se desesperadamente, tentando evitar a carga dos cavaleiros romanos. O legado fixou o olhar num gigantesco fundista que envergava uma pele de lobo à volta dos ombros, e baixou a ponta da espada. No último instante o bretão apercebeu-se do cavalo que se lançava sobre ele e virou-se, os olhos muito abertos de terror. Vespasiano apontou um pouco abaixo do pescoço do homem e preparou-se para o impacto, mas o outro conseguiu atirar-se para o chão e evitar o golpe.

— Merda! — Exclamou Vespasiano por entre os dentes. As espadas de infantaria eram de pouca utilidade quando se combatia montado, e ele amaldiçoou-se por não trazer uma longa espada de cavalaria, como os batedores.

Nesse momento, outro guerreiro inimigo surgiu à sua frente. Mal teve tempo para se aperceber do seu aspecto frágil e magro, e do cabelo branco em crista, antes de mergulhar a lâmina no pescoço do homem, com um som húmido. O bretão grunhiu, tombou para a frente e desapareceu, en-

quanto Vespasiano continuou a galopar para o comboio. Olhou em redor e viu que quase todos os batedores tinham refreado os cavalos e se ocupavam a espetar com as lanças os bretões que viam a arrastar-se pelo solo. Era o momento perfeito para os homens da cavalaria: a matança, depois de destruída a linha inimiga. Mas esqueciam-se do perigo representado pelos carros de combate dos bretões que já corriam pela encosta na direcção do pequeno grupo de cavaleiros romanos.

— Deixem-nos! — Berrou Vespasiano. — Deixem-nos! Para os vagões! Vamos!

Os batedores recobriram o bom senso e cerraram as fileiras, galopando atrás de Vespasiano na direcção do mais atrasado dos vagões, a menos de cem passos de distância. As tropas auxiliares da retaguarda festejaram a chegada e encorajaram-nos, abanando os dardos. Os cavaleiros já quase tinham alcançado os seus camaradas quando Vespasiano ouviu um leve silvo, e uma flecha lhe zumbiu junto à cabeça. No momento seguinte ele e os seus homens viram-se no meio dos vagões, refreado os cavalos estafados.

— Fechem! Fechem a retaguarda!

Enquanto os homens colocavam os cavalos em formação atrás da última carroça, Vespasiano dirigiu o cavalo até ao comandante da coluna, que ainda estava de pé sobre o banco do vagão que conduzia. Assim que viu a faixa que assinalava o posto e que se enrolava na armadura de Vespasiano, o homem saudou-o.

— Obrigado, senhor.

— E tu és...? — Inquiriu Vespasiano.

— Centurião Gio Aurélio, Décima Quarta Coorte Auxiliar Gaulesa, senhor.

— Aurélio, mantém os vagões em movimento. Não pares por nenhum motivo. Por *nada*, percebes? Eu encarrego-me dos teus homens. Tu trata das carroças.

— Sim, senhor.

Vespasiano fez o cavalo dar meia-volta e trotar até junto dos homens, inspirando profundamente antes de proferir as suas ordens.

— Décima Quarta Gaulesa! Formem uma linha junto a mim!

Vespasiano indicou a posição com a espada, e os sobreviventes da escolta apressaram-se a ocupar os seus lugares.

Lá atrás, os Durotriges tinham recuperado do choque da carga, e agora, que se tinham apercebido de quão poucos homens os tinham feito entrar em pânico, ardiam de vergonha e de desejo de vingança. Avançaram numa densa e desordenada massa de infantaria, ligeira e pesada, ao mesmo tempo que os seus carros se precipitavam sobre os flancos do comboio romano, tentando evitar que este alcançasse os portões e aprisionando os legionários

numa tenaz. Vespasiano concluiu que nada podia fazer quanto aos carros de combate. Se eles conseguissem cortar o caminho, então Aurélio teria simplesmente que tentar forçar a passagem, confiando no poder dos seus bois para afastar os cavalos e os carros dos durotriges, bastante mais leves.

O mais que Vespasiano podia fazer era manter a infantaria inimiga à distância, por tanto tempo quanto fosse possível. Se eles conseguissem alcançar os vagões, tudo estaria perdido. Olhou uma última vez para o escasso número de homens que tinha, e para as expressões sombrias e determinadas dos inimigos que se aproximavam, e percebeu imediatamente que ele e as suas tropas não teriam qualquer hipótese. Teve que se impedir de soltar uma gargalhada amarga. Ter sobrevivido a todas aquelas sangrentas batalhas contra Carátaco e o seu exército no ano anterior, para perder a vida numa escaramuça menor — era demasiado vergonhoso. E ainda havia tanto que ele queria conseguir. Amaldiçoou o destino, e também o comandante da guarnição de Caleba. Se esse sacana tivesse imediatamente levado as suas tropas em socorro do comboio, talvez tivessem tido uma hipótese.



II

— Aqui? Nem penses! Isto é só para oficiais. — Gritou o centurião Macro.

— Desculpe, senhor. — Respondeu o enfermeiro que segurava a extremidade mais próxima da maca. — Ordens do chefe.

O centurião barafustou por momentos, e depois voltou a deixar-se cair na cama, tendo o cuidado de evitar que o lado ferido da sua cabeça entrasse em contacto com a estrutura do leito. Tinham passado quase dois meses desde que um druida tentara tirar-lhe o escalpe à espadeirada e, embora a ferida se tivesse fechado, as dores persistiam, sobretudo as tremendas enxaquecas que mal começavam agora a diminuir. Os enfermeiros entraram na pequena cela e baixaram cuidadosamente a maca, gemendo com o esforço.

— E qual é a história desse?

— Cavalaria, senhor. — Retorquiu o enfermeiro, depois de se reerguer. — A patrulha caiu numa emboscada esta manhã. Os sobreviventes começaram a chegar há pouco.

Macro escutara o toque a reunir algum tempo antes. Voltou a sentar-se.

— Porque é que não fomos informados?

O enfermeiro encolheu os ombros.

— Para quê? São apenas dois pacientes, senhor. Não havia razão para vos incomodar.

— Ei, Cato! — Macro virou-se para a outra cama da cela. — Cato! Ouviste esta? O tipo acha que dois centuriões de caca como nós não precisamos de saber o que se está a passar... Cato?... CATO!

Macro praguejou, olhou em volta, agarrou na sua vara de videira, que se encontrava junto à cama, apoiada na parede, e espetou deliberadamente a forma imóvel que se via na outra cama.

— Vá lá, miúdo! Acorda!

Ouviu-se um resmungo vindo de debaixo do cobertor, e depois as dobras da manta de lã afastaram-se e os caracóis negros de Cato surgiram de dentro daquele quente refúgio. O companheiro de Macro tinha sido recentemente promovido a centurião, mas antes tinha sido o seu optio. Com apenas dezoito anos de idade, era um dos mais jovens centuriões das legiões. Tinha chamado a atenção dos seus superiores pela coragem demonstrada nas batalhas, e pela forma expedita como tinha desempenhado uma difícil missão de salvamento no interior do território inimigo, nos primeiros meses daquele Verão. Nessa ocasião, tanto ele como Macro tinham sido feridos com gravidade pelos druidas. O chefe destes tinha atacado Cato com uma pesada foice cerimonial, abrindo-lhe o peito junto às costelas. O jovem quase morrera, mas agora, muitas semanas depois, estava em franca recuperação, e olhava a cicatriz avermelhada em volta do peito com algum orgulho, embora lhe provocasse dores horríveis sempre que tinha que utilizar os músculos daquele lado do torso.

Os olhos de Cato entreabriram-se, depois piscaram, e ele olhou para o outro centurião.

— Que se passa?

— Temos companhia. — Macro apontou para o homem na maca com o polegar. — Parece que a canalha do Carátaco anda outra vez ocupada.

— Devem andar a ver se apanham alguma coluna de abastecimentos. — comentou Cato. — A patrulha deve ter sido atacada quase por acaso.

— Se bem me lembro, é o terceiro ataque este mês. — Macro olhou para o enfermeiro. — Não é?

— Sim, senhor. É a terceira vez. O hospital está a ficar lotado, e não temos descanso. — As últimas palavras foram pronunciadas com algum ênfase, enquanto os dois enfermeiros davam um passo sorrateiro na direção da porta. — Se nos der licença, senhor, vamos voltar às nossas tarefas.

— Calminha aí. Conta-me lá a história do comboio de abastecimentos.

— Não sei, senhor. Só me encarrego dos feridos. Ouvi alguém dizer que o que restava da escolta ainda andava lá por fora, aqui perto, a tentar salvar as últimas carroças. Uma estupidez, acho eu. Deviam tê-las deixado para os bretões, e ter-se posto a milhas. Bom, senhor, dá licença...?

— O quê? Ah, sim. Raspem-se, vá.

— Obrigado, senhor. — O enfermeiro sorriu e, empurrando o colega à frente, saiu da cela e fechou a porta.

No momento em que a porta se cerrou, Macro lançou as pernas sobre a borda da cama e agarrou nas botas.

— Senhor, onde vai? — Perguntou Cato, meio sonolento.

— Ao portão, ver o que se passa. Levanta-te, também vens.

— Vou?

— Evidentemente. Não queres saber o que está a acontecer? Não estás farto de estar fechado na porra deste hospital há quase dois meses? Além disso — juntou Macro, enquanto apertava as botas —, dormiste a maior parte do dia. O ar fresco vai-te fazer bem.

Cato fez uma careta. O motivo de dormir durante o dia era o ressonar do seu colega de quarto, tão forte que tornava quase impossível dormir durante a noite. De facto, estava absolutamente farto do hospital, e mal via o momento de regressar ao serviço activo. Mas, reflectiu amargamente, ainda faltava algum tempo para essa situação se verificar. Mal tinha recuperado a força para se manter de pé. O seu companheiro, apesar da terrível ferida na cabeça, tinha uma constituição mais forte, e já quase estava em condições de voltar à actividade, aparte as ocasionais mas incapacitantes dores de cabeça.

Enquanto Macro se atarefava a atar as botas, Cato observou a cicatriz lívida que se lhe estendia pelo cimo do crânio. A ferida tinha deixado a pele enrugada, e nenhum cabelo crescia em volta dela. O médico prometera que algum cabelo acabaria por nascer, o suficiente para esconder a maior parte da cicatriz.

— Com a sorte que tenho — tinha sido o comentário amargo de Macro —, isso vai suceder mesmo na altura em que começar a ficar careca.

Cato sorriu ao recordar a cena. Depois ocorreu-lhe um argumento que poderia justificar que ficasse na cama.

— Tem a certeza de que deve sair, senhor, depois daquele desmaio da última vez que nos sentámos no pátio? Será prudente?

Macro encarou-o, irritado, os dedos a acabarem de apertar as botas automaticamente, como o tinham feito na maior parte das manhãs anteriores, ao longo de quase dezasseis anos. Abanou a cabeça.

— Já te disse, não precisas de me chamar “senhor” a toda a hora — só à frente dos homens, e em ocasiões formais. Portanto, daqui para a frente, é só “Macro”. Percebido?

— Sim, senhor. — Foi a imediata resposta de Cato; então franziu o sobrolho e deu uma pancada na sua própria testa. — Desculpe. É difícil habituar-me a essa ideia. Ainda nem me habituei ao facto de ser um centurião. Devo ser o mais novo deste exército.

— Suponho até que na porra toda do Império.

Por um instante Macro lamentou o comentário, e reconheceu um traço de amargura em si mesmo. Embora tivesse ficado genuinamente contente com a promoção que Cato recebera, depressa o veterano esquecera o

entusiasmo, e de vez em quando deixava escapar uma frase sobre a necessidade de experiência para se ser um bom centurião. Ou então lançava uns conselhos sobre a conduta adequada de um homem com aquela patente. Era um bocado forçado, reconhecia, uma vez que ele próprio tinha sido promovido ao centurionato apenas cerca de ano e meio antes de Cato. Era verdade que já tinha dezasseis anos de serviço nas águias, e que era um veterano respeitado, com uma folha de serviço muito aceitável, mas o seu posto era quase tão recente como o do seu jovem amigo.

Enquanto via Macro a apertar as botas, Cato reflectia sobre a insegurança que sentia depois da promoção. Não podia deixar de pensar que tinha sido precipitada, e sentia alguma vergonha quando se comparava com Macro, um soldado completo, se alguma vez existira algum. Já temia o momento em que, finalmente recuperado, veria ser-lhe atribuído o comando de uma centúria. Não era preciso ter uma grande imaginação para prever a forma como reagiriam homens muito mais velhos e experimentados, ao verem um miúdo de dezoito anos a comandá-los. Claro que notariam as medalhas na sua couraça, e perceberiam o valor do seu centurião, e que ele tinha chamado a atenção de Vespasiano. Talvez até reparassem nas cicatrizes que tinha no braço esquerdo, outra prova da sua coragem em combate, mas nada disso poderia apagar o facto de ele mal poder ser chamado um homem, e de ser mais novo do que os filhos de alguns dos homens que serviriam na sua centúria. Isso seria duro de engolir, e Cato sabia que haviam de o observar atentamente, e nunca lhe perdoariam qualquer erro que cometesse. Não pela primeira vez, questionou-se se existiria alguma forma discreta de requerer que fosse rebaixado ao seu anterior posto, e voltar ao papel confortável de *optio* de Macro.

Este terminara finalmente de apertar as botas; levantou-se e pegou na sua capa militar de tom escarlata.

— Vamos, Cato! De pé. Embora.



No exterior do quarto, os corredores do hospital estavam cheios de enfermeiros e feridos, que continuavam a chegar. Os médicos furavam por entre a mole humana, avaliando rapidamente as feridas e enviando os casos fatais para a pequena enfermaria junto à parede do fundo, onde os moribundos seriam confortados até que a morte os reclamasse. Os outros eram amontoados em qualquer espaço disponível. Com a continuação da campanha de Vespasiano contra os fortes dos Durotriges, o hospital de Caleba tinha já esgotado a sua capacidade, e a construção de um novo bloco ainda não tinha sido concluída. As sortidas constantes contra as colunas de abas-

tecimento do exército do general Pláucio traziam ainda mais pacientes às já esgotadas capacidades do hospital, e assim os homens estavam a ser colocados em colchões improvisados nos corredores. Felizmente era Verão e por isso não sofriam grande desconforto quando chegava a noite.

Macro e Cato dirigiram-se à porta principal. Envergando apenas as suas túnicas e capas, iguais para todos os legionários, levavam as varas de videira para indicar a sua patente, e os outros homens abriam caminho em sinal de respeito. Macro também levava posta a protecção de feltro para a cabeça, em parte para esconder a ferida — estava farto dos olhares de medo que recebia das crianças locais — mas sobretudo porque a exposição ao ar fazia com que a cicatriz lhe doesse. Cato levava a sua vara na mão direita e mantinha o cotovelo esquerdo erguido para proteger o lado ferido de qualquer choque.

A entrada do hospital dava para a alameda principal do depósito fortificado que Vespasiano tinha feito edificar encostado a Caleba. Encontravam-se por ali várias carroças ligeiras, e os feridos ainda estavam a ser descarregados da última a chegar. As camas nas carroças vazias eram uma confusão de equipamento militar abandonado e escuras manchas de sangue.

— Os sacanas estão a ficar ambiciosos. — Afirmou Macro. — Isto não é o trabalho de um pequeno grupo de atacantes. Parece-me que há uma força numerosa na região. Estão cada vez mais audazes. Se isto continua, as legiões vão ter muito trabalho para prosseguir o avanço.

Cato assentiu. A situação era séria. O General Pláucio já tinha sido forçado a instalar uma cadeia de fortins para proteger as lentas colunas de carroças com abastecimentos. Cada guarnição que era preciso deixar para trás significava o emagrecimento da sua força, e esta acabaria por se tornar um alvo irresistível para Carátaco.

Os dois centuriões avançaram rapidamente pela rua até aos portões do depósito, onde a diminuta guarnição do campo fortificado estava a formar apressadamente. Homens debatiam-se com fivelas e cintos, enquanto o Centurião Verânio, comandante da guarnição, berrava insultos às portas das casernas, e acertava umas vergastadas nos retardatários, que se juntavam aos camaradas enquanto lutavam com o equipamento. Macro trocou um olhar sabedor com Cato. A guarnição era composta pelo refugio da Segunda Legião, o tipo de homens para quem Vespasiano não tinha lugar na sua campanha surpresa pelo coração das terras dos Durotriges. A fraca qualidade daqueles soldados era evidente para qualquer olho experiente, e uma ofensa mortal para o profissionalismo de Macro.

— Foda-se, os locais devem ficar com uma bonita ideia ao verem esta confusão. Se isto se sabe lá fora, o Carátaco percebe logo que pode vir cá

quando quiser e muito bem lhe apeteecer, e dar ao Vérica um grandessíssimo pontapé no cu.

Vérica, o idoso rei dos Atrébates, era um aliado dos Romanos desde que as legiões tinham desembarcado na Britânia, no ano anterior. Não que tivesse tido muito por onde escolher. Tinha concordado com a aliança em troca do seu regresso ao poder como soberano dos Atrébates, antes mesmo que as legiões tivessem avançado sobre a capital de Carátaco, Camaloduno. Quando a campanha se estendera às tribos hostis do sudoeste, Vérica tinha sugerido Caleba como base de operações ao General Pláucio. E por isso o depósito tinha sido construído. Para lá de conseguir a boa-vontade de Roma, Vérica tinha assim assegurado um caminho de fuga para o caso de os Atrébates sucumbirem aos apelos das tribos que ainda resistiam aos invasores, e resolverem trocar de lado e lutar contra os Romanos.

Os dois centuriões atravessaram o portão e entraram em Caleba. Embora Vespasiano tivesse deixado apenas duas centúrias, sob o comando de um oficial, para a defesa do depósito, a área compreendida no interior dos baluartes era suficientemente grande para acolher várias coortes. Ao lado da parada situavam-se o hospital e os edifícios do comando. Ao seu lado viam-se algumas filas de casernas de madeira. Por trás, ficavam os silos de cereais e outros armazéns, com todo o material de que a Segunda Legião necessitava na sua progressão para ocidente. O líder dos Bretões, Carátaco, tinha adoptado uma táctica de terra queimada perante o avanço das legiões de Pláucio, e por isso as colunas Romanas dependiam da longa cadeia de abastecimento que começava na enorme base de Rutúpias, junto ao ponto em que as legiões primeiro tinham posto o pé na Britânia.

O contraste entre o interior arrumado do depósito e a confusão de cabanas, celeiros, redis e as acanhadas e enlameadas vias de Caleba voltou a impressionar Cato. A capital tribal tinha perto de seis mil habitantes em épocas normais, mas com os ataques do inimigo às colunas de abastecimento e quintas por todo o reino, a população tinha aumentado para perto do dobro. Empilhadas nas rústicas habitações de Caleba, as pessoas sentiam-se a cada dia mais desesperadas e esfomeadas.

Apesar da sua localização ideal, no cume de uma colina de encostas suaves, nunca tinha sido feito nenhum esforço para criar um sistema de drenagem eficaz, e as ruas, se mereciam tal nome, tinham grandes valas, e estavam cobertas por imundície. Poças de fedor intenso formavam-se em qualquer local em que o solo estivesse tão saturado que mais nada era absorvido ou conseguia fluir, e Cato sentiu nojo quando avistou duas crianças a fazerem bolos de 'lama', junto aos rastos inundados que a passagem de um vagão deixara.

Quando os dois centuriões chegaram ao portão principal da cidade,

uma mistura de nativos e Romanos amontoava-se nos baluartes de terra, para assistir ao drama desesperado que se desenrolava na encosta abaixo. Para além dos homens da guarnição, o Império estava representado pela primeira vaga de negociantes, mercadores de escravos e agentes de terras, desejosos de enriquecer antes que a nova província se civilizasse a ponto de os nativos perceberem os seus golpes.

Por enquanto, todos tentavam obter os melhores lugares para ver como os restos da coluna de abastecimentos lutavam para atingir a segurança da cidade. Cato avistou o optio que comandava o destacamento encarregado do portão, e ergueu a sua vara para que o outro se apercesse do seu posto. O optio deu imediatamente ordens a um punhado de homens para que abrissem caminho aos dois centuriões, e eles entregaram-se à tarefa com a habitual insensibilidade dos soldados. As bossas dos escudos foram lançadas contra os corpos dos nativos, sem preocupação quanto a idade ou sexo, e gritos de ira depressa se ergueram acima das exclamações de dor e surpresa.

— Calma aí! — Lançou Cato acima do clamor, atingindo o escudo do legionário mais próximo com a sua vara de videira. — Calma, já disse! Esta gente é aliada de Roma! Não são nenhuns animais. Percebido?

O legionário colocou-se em sentido à frente do seu superior, fixando com o olhar um ponto sobre o ombro de Cato.

— Sim, senhor!

— Se te apanho, ou a algum dos teus camaradas, a tratarem assim os nativos, farei com que passes o resto do ano de faxina às latrinas. — Cato inclinou-se para o homem, e continuou com voz suave. — Aí é que vais estar mesmo na merda, não é verdade?

O legionário tentou não sorrir, e Cato acenou.

— Podes prosseguir.

— Sim, senhor.

Enquanto o legionário se afastava por entre a turba, os protestos dos locais diminuía, já que tinham visto punida a brutalidade dos soldados.

Macro deu um toque em Cato.

— Para que é que foi aquilo? O rapaz estava a fazer o seu papel.

— O orgulho ferido vai sarar em pouco tempo. É muito mais difícil conseguir estabelecer boas relações entre nós e os atrebates. E destruí-las é obra de um instante.

— Talvez. — Admitiu Macro a contragosto, mas então lembrou-se do quase sorriso do homem perante o último comentário de Cato. O toque de humor tinha diminuído consideravelmente o ressentimento do legionário.

— De qualquer maneira, foi bem feito da tua parte.

Cato encolheu os ombros.

Entraram para a penumbra da casa da guarda e subiram a escada para o patamar que se situava por cima das grossas vigas que amparavam os portões da cidade. Ao sair da passagem estreita, Cato avistou a um lado Vérica e um punhado dos seus guardas pessoais. Cato saudou o rei enquanto atravessava o pavimento de madeira e se dirigia à paliçada, para olhar para a estrada que seguia para o norte, na direcção do Tamisa. A menos de um quilómetro de distância, seis grandes carroças, cada uma puxada por quatro bois, arrastavam-se pelo caminho. À sua volta marchava uma cortina de tropas auxiliares, e um pequeno grupo de batedores montados formavam a retaguarda. O sol reflectiu-se numa couraça peitoral e Cato franziu os olhos ao ver uma figura a cavalo, no meio da coluna.

— Aquele não é o legado?

— Como queres que saiba? Os teus olhos são melhores que os meus. Diz-me tu.

Cato concentrou o olhar durante mais algum tempo.

— É! É mesmo ele.

— O que diabo está ele aqui a fazer? — A surpresa de Macro era genuína. — Devia estar com a legião, a arrasar aqueles malditos fortes das colinas.

— Presumo — reflectiu Cato — que tenha vindo ver onde param os seus abastecimentos. Deve ter encontrado os vagões pelo caminho.

— É o nosso Vespasiano, sim senhor! — Riu Macro. — Não consegue manter-se afastado de uma boa luta.

Seguindo a coluna viam-se vários pequenos grupos de tropas inimigas, acompanhados pelos rápidos carros de combate que muitas tribos britânicas ainda utilizavam. Uma barragem contínua de setas, lanças e projecteis de funda caía sobre a coluna Romana. Enquanto Cato observava, um dos auxiliares foi atingido na perna por uma lança e tombou pelo solo, deixando cair o escudo. O homem que o seguia passou por cima do camarada caído e continuou, escondido atrás do seu escudo oval e sem olhar para trás uma vez que fosse.

— É duro. — Disse Macro.

— Pois...

Os dois homens sentiam-se frustrados pela sua impossibilidade de ajudar os camaradas. Enquanto estivessem sob vigilância médica, eram apenas dois supranumerários no depósito. Além disso, o centurião que comandava a guarnição não veria com bons olhos que eles interferissem com o seu comando, fosse de que forma fosse.

Antes que a coluna tivesse ultrapassado completamente o homem que fora ferido, um dos tratadores dos animais deixou o seu par de bois e correu para o auxiliar, que tentava libertar-se da lança. Enquanto a mul-

tidão no torreão de Caleba olhava, o tratador pegou na lança e soltou-a. Então ajudou o seu camarada ferido, e juntos tentaram alcançar a traseira do último vagão da coluna.

— Não se vão safar. — Disse Cato.

Os vagões continuavam em movimento, aproximando-se da segurança dos baluartes, e os condutores incitavam os animais com chicotadas desesperadas; a distância entre o último veículo e os dois homens não parava de crescer, até que eles desapareceram entre as fileiras da retaguarda montada. Cato esforçou os olhos, à procura de mais indícios do par.

— Devia tê-lo deixado. — Foi o amargo comentário de Macro. — Aquele estúpido só vai fazer com que se perca outra vida.

— Lá estão eles!

Macro olhou para trás dos batedores, e viu o par ainda a tentar acompanhar a coluna. Avistou então o grupo mais próximo de bretões, que se precipitava para uma matança fácil. O tratador olhou por cima do ombro e parou de repente. Depois dessa curta pausa, libertou-se do companheiro ferido e correu para a segurança da coluna. O auxiliar caiu de joelhos e esticou o braço na direcção do outro enquanto os inimigos se aproximavam. Desapareceu sob uma massa de gente com a cara pintada e os cabelos cheios de visco. Alguns dos Bretões continuaram a correr, tentando alcançar o tratador. Mais jovens, em melhor condição física e mais rápidos, depressa diminuíram a distância, e ele foi abatido por uma lança que o atingiu no fundo das costas. Depois também ele deixou de se ver sob os golpes selvagens dos guerreiros Britânicos.

— Uma pena. — Macro abanou a cabeça.

— Parece que os outros vão tentar qualquer coisa. — Cato estava a observar o maior dos grupos de carros, onde uma figura de elevada estatura, o líder, agitava uma lança sobre a cabeça para atrair a atenção. Então, com um rápido movimento da arma, apontou-a na direcção dos restos da coluna, e os Bretões soltaram um grito de guerra e carregaram sobre ela. Os auxiliares cerraram as fileiras, formando uma linha lamentavelmente esparsa entre os Durotriges e os vagões. O legado tinha-se reunido aos seus batedores montados e estes espalharam-se rapidamente, protegendo a retaguarda da coluna e preparando-se para carregar.

— O que diabo pensa ele que está a fazer? — Perguntou Cato, espantado. — Vão ser destroçados.

— Talvez consigam obter o tempo de que os outros precisam para chegar aos portões. — Macro virou-se e olhou para os baluartes do depósito. — Onde está a guarnição?

Um ruído distante de cascos e o grito de desafio, 'Augusta!', anunciaram a carga dos batedores. Cato e Macro observaram com receio crescente

enquanto o punhado de cavaleiros correu pela planície banhada pelo sol na direção da massa ululante de Bretões. Num momento os dois lados eram forças distintas, Romano contra Bretão, no momento seguinte já só havia um caos de homens e cavalos, gritos de guerra e de dor alcançando com clareza aqueles que observavam impotentes dos baluartes de Caleba. Alguns dos homens a cavalo separaram-se do inimigo e voltaram para junto dos vagões.

— O legado está entre eles? — Inquiriu Macro.

— Sim.

O sacrifício dos batedores não conseguiu mais do que atrasar o inimigo por um curto período, mas os vagões e a escolta de infantaria já estavam a apenas duzentos passos dos portões. Os que assistiam das muralhas gritavam encorajamentos e acenavam-lhes freneticamente para que se apressassem.

Os Durotriges voltaram ao ataque, uma massa indistinta de homens e carros de combate que se aproximava da presa. Os auxiliares prepararam-se para receber o impacto da carga. As hastes escuras dos últimos dardos disponíveis fizeram as suas curvas pelo ar e precipitaram-se sobre o inimigo. Cato viu uma atingir um cavalo na cabeça, e o animal empinou-se e caiu sobre o flanco, arrastando o carro que puxava e esmagando o condutor e o lanceiro. Os Bretões prosseguiram, ignorando o acidente, e atiraram-se aos escudos e às espadas dos auxiliares, forçando-os a recuar para os vagões, que continuavam entretanto a avançar.

Cato ouviu então um som ritmado de passos, vindo de trás, e virou-se para ver a vanguarda da guarnição emergir do coração de Caleba e dirigir-se ao portão. Sob as madeiras do patamar do torreão, Cato ouviu o ranger das pesadas vigas quando as portas foram abertas para dar passagem aos legionários.

— Já não era sem tempo, porra! — Resmungou Macro.

— Acha que farão alguma diferença?

Macro viu como a luta desesperada engolia a retaguarda da coluna de abastecimentos, e encolheu os ombros. Talvez a visão dos legionários fizesse os Bretões suspenderem o assalto. Ao longo dos últimos dois anos, os nativos tinham aprendido a temer os homens com os escudos vermelhos, e por bons motivos. Porém, aqueles eram os mais velhos dos veteranos, homens já cansados que não conseguiam acompanhar os seus camaradas mais jovens, e os menos velhos eram preguiçosos em quem ninguém confiava para manter uma formação no calor da batalha. No momento em que o inimigo se apercesse do real valor dos homens que avançavam contra ele, tudo estaria perdido.

As primeiras fileiras da guarnição passaram sob o torreão. O centu-

rião lançou uma ordem, e a coluna alterou a formação; alguns legionários saíram da estrada de forma a criar uma linha com quatro homens de profundidade. Assim que a manobra foi concluída, a linha avançou de novo, em socorro da coluna envolvida no combate. A retaguarda dos Bretões destacou-se para enfrentar a nova ameaça, e os fundibulários e os arqueiros lançaram os seus mísseis contra os Romanos. A barragem desfez-se sem consequências contra os escudos destes, e então fez-se silêncio, quando a infantaria inimiga avançou para defrontar os legionários. Não ocorreu nenhuma carga selvagem: as duas linhas limitaram-se a encontrar-se com um barulho crescente de lâminas a tinir e de pancadas sobre escudos. Os legionários avançaram na direcção do primeiro vagão, abrindo caminho através dos Durotriges.

A centúria progredia, mas era evidente, para os observadores no portão da cidade, que o passo se reduzia cada vez mais. Ainda assim, chegaram até perto da junta de bois do primeiro vagão e conseguiram criar o espaço suficiente nas linhas inimigas para que o carro avançasse, libertando-se da confusão e dirigindo-se aos portões abertos. O segundo e o terceiro vagões seguiram-no, e os auxiliares que ainda sobreviviam lutaram desesperadamente para engrossar a formação dos legionários. Vespasiano desmontou e lançou-se na refrega ao lado dos seus homens. Por momentos, Cato sentiu um baque no coração, ao perder de vista o legado; mas depois avistou, por entre a massa tremeluzente de capacetes que refulgiam sob o sol e de armas ensanguentadas, a distintiva crista vermelha no cimo do capacete de Vespasiano.

Cato inclinou-se sobre a paliçada para observar os vagões passarem pelo portão, cada um deles carregado com pilhas de ânforas embrulhadas em palha. Ter-se-ia salvo algum cereal e azeite, portanto. Mas era tudo. Quando voltou a olhar para o combate, percebeu que os dois últimos vagões tinham caído em mãos Britânicas, e que os condutores e tratadores jaziam mortos ao lado dos carros. Só um dos vagões era ainda disputado por ambas as partes mas, enquanto Cato observava, os Bretões começaram a empurrar os Romanos para longe.

— Olha para ali! — Exclamou Macro, apontando para outro sítio. O líder Britânico tinha reunido de novo os carros de combate e levava-os a rodear a área da escaramuça, no intuito óbvio de os lançar contra a retaguarda Romana. — Se aqueles tipos os apanham antes de chegarem ao portão, os nossos vão ceder.

— Ceder? — Desdenhou Cato. — Vão mas é ser feitos em bocados... Espero que consigam ver o perigo a tempo.

A linha Romana já cedia terreno sob o peso do ataque dos Bretões. Os homens na fileira da frente atacavam e bloqueavam, preocupados ape-

nas com a tarefa de matar o inimigo que se lhes apresentava, mas os seus camaradas das fileiras de trás deitavam olhares nervosos sobre os ombros, enquanto tentavam recuar para a segurança do portão. Com um grito selvagem, os carroceiros inimigos chicotearam os seus cavalos, carregando sobre o curto espaço existente entre os legionários e o torreão. Cato conseguia sentir o patamar de madeira a agitar-se debaixo dos seus pés, devido à aproximação dos carros, que fazia estremecer o solo.

O centurião que comandava a guarnição lançou um olhar para os carros inimigos e gritou um aviso. Os legionários e os auxiliares imediatamente desfizeram a formação e correram para o portão, esquecendo os guerreiros que os defrontavam. Vespasiano corria no meio dos outros. No torreão, Vérica colocou as mãos junto à boca e gritou uma ordem aos homens que guarneciam a paliçada. Dardos foram erguidos e arcos preparados para criar uma barragem que permitisse a fuga aos Romanos. Alguns já se precipitavam pelos portões adentro, mas outros não o conseguiriam. Os soldados mais velhos, lutando penosamente contra o peso do seu equipamento, estavam a ficar para trás. Muitos tinham-se libertado de escudos e espadas, e tinham-se lançado em corrida, olhando para a direita, de onde se aproximavam os carros, as crinas dos cavalos chicoteando ao vento, as narinas muito abertas e as bocas a espumar; por trás deles, as expressões selváticas dos condutores e dos lanceiros, exultantes perante a iminente destruição dos Romanos.

O Centurião Verânio, fiel às tradições do seu posto, ainda empunhava o escudo e a espada, e corria ao lado dos mais atrasados dos seus homens, gritando-lhes para se despacharem. Quando os carros não estavam a mais de vinte passos de distância, apercebeu-se de que não escaparia. Verânio voltou-se, virou-se para os carros inimigos e levantou o escudo, mantendo a espada apontada à altura do peito. Enquanto Cato observava, sentindo as entranhas a revolverem-se, o centurião ergueu o olhar para o torreão e mostrou um sorriso triste. Acenou uma saudação aos rostos que assistiam ao seu derradeiro combate, e virou o rosto para o inimigo.

Ouviu-se um grito, abruptamente interrompido quando os carros atropelaram os legionários mais atrasados, e Cato reparou na forma como os corpos protegidos por cotas de malha eram esmagados e triturados pelos cascos e pelas pesadas rodas dos carros inimigos. Verânio avançou, cravando a espada no peito de um dos cavalos mais próximos, mas depois foi derrubado e desapareceu na confusão de cavalos atrelados e das estruturas de vime dos carros.

Com um ruído arrastado, os portões foram encerrados, e a tranca caiu nos seus encaixes. Os carros detiveram-se em frente ao portão, e o ar encheu-se de gritos e bramidos de dor dos cavalos, quando os dardos e

flechas dos homens de Vérica choveram sobre a concentração inimiga. Os Bretões ripostaram com os seus próprios mísseis, e um projectil abateu-se sobre a paliçada muito perto de Cato. Agarrou Macro pelo ombro e arrastou-o na direcção da escada que levava ao interior dos baluartes.

— Não há nada que possamos fazer aqui. Só atrapalhamos.

Macro assentiu, e seguiu-o.

Quando emergiram no espaço aberto por trás do portão, deram de caras com o confuso amontoado de vagões, bois e sobreviventes da escolta e da guarnição. Havia homens espalhados pelo chão, os peitos a arfar. Os que se mantinham de pé apoiavam-se nas lanças, ou estavam dobrados, tentando recuperar o fôlego. Muitos nem se davam conta das feridas, e o sangue manchava o solo em seu redor. A um lado encontrava-se Vespasiano, inclinado sobre si mesmo, as mãos apoiadas nos joelhos, também ele a tentar respirar. Macro abanou a cabeça com lentidão.

— Que porra de desastre completo...



III

Os sons da batalha esmoreceram rapidamente, à medida que os Durotriges se retiraram das proximidades de Caleba. Apesar de terem infligido uma clara derrota aos Romanos e aos seus desprezíveis aliados Atrébates, tinham compreendido que qualquer tentativa de tomar de assalto a cidade seria um desperdício de vidas. Aos gritos de vitória e júbilo recuaram para além do alcance dos projecteis dos defensores, não se inibindo porém de continuar a provocá-los com insultos até ao cair da noite. Quando a escuridão se espessou, desapareceram como se se tivessem fundido com as trevas, deixando no ar apenas um leve ressoar das rodas dos seus carros de combate, até que Caleba se viu rodeada pelas sombras silenciosas.

Os nativos que guarneciam o torreão das portas da cidade e os baluartes em redor afrouxaram a vigilância e abateram-se sobre o passadiço. Só algumas sentinelas se mantiveram de pé, olhos e ouvidos esforçando-se para perceber se os Durotriges se tinham realmente retirado, ou se a manobra não teria sido um mero truque que lhes permitisse uma nova investida a coberto da noite. Ao emergir do torreão, Vérica parecia cansado, e o seu corpo magro movia-se de forma pouco firme. Descansou a mão no ombro de um dos seus guardas pessoais. À luz tremeluzente de uma única tocha, o pequeno séquito dirigiu-se lentamente ao recinto real e às suas altas edificações, percorrendo a principal via da cidade. Ao longo do caminho, pequenos grupos de habitantes calavam-se quando se apercebiam da passagem do rei; o ressentimento notava-se nas faces que a luz laranja do archote iluminava. Vérica e os seus nobres estavam bem alimentados, mas o povo sofria com a falta de víveres. Os seus depósitos de cereais estavam vazios, e na cidade só restavam alguns porcos e ovelhas. Nos arredores, muitas quintas tinham sido abandonadas, algumas queimadas; os seus antigos ocupantes estavam mortos, ou refugiados na cidade.

A aliança com Roma não lhes trouxera nenhum dos benefícios que Vérica prometera. Longe de serem protegidos pelas legiões, parecia que os

Atrébates tinham atraído sobre si toda a fúria das tribos leais a Carátaco. Pequenas colunas de atacantes, vindas das terras dos Durotriges, dos Dubónios, dos Catuvelaunos e até dos selvagens Siluros, infiltravam-se por entre as legiões que avançavam, e traziam a destruição a terras situadas muito atrás das linhas romanas. Os Atrébates tinham perdido as suas fontes de alimentos, e não viam chegar nenhum do cereal prometido por Roma, uma vez que os comboios eram atacados e destruídos pelos guerreiros de Carátaco. Os poucos víveres que conseguiam completar a viagem desde Rutúpias eram armazenados no depósito de abastecimentos da Segunda Legião, e entre os habitantes de Caleba já circulavam rumores de que os legionários engordavam, enquanto os seus aliados Atrébates se viam forçados a alimentar-se de cada vez menores rações de papa de cevada.

Este ressentimento estava bem presente nas mentes de Cato e Macro, sentados num banco improvisado, na realidade um tronco, mesmo à entrada do depósito. Um mercador de vinho de Narbonesa tinha instalado uma banca, tão próximo quanto possível dos seus clientes, os legionários, e tinha disposto os supostos bancos de ambos os lados da sua tenda de couro com um balcão rústico. Macro tinha comprado dois copos de vinho barato, e os dois centuriões equilibravam cautelosamente os copos de couro no colo, enquanto observavam o rei dos Atrébates a passar com a sua guarda pessoal. As sentinelas do depósito puseram-se em sentido, mas Vérica limitou-se a lançar-lhes um olhar glacial e continuou o caminho até aos seus domínios pessoais.

— Um aliado pouco agradecido. — Resmungou Macro.

— Que é que se esperava? O seu próprio povo parece odiá-lo mais do que ao inimigo. Foi-lhes imposto por Roma, tudo o que trouxe aos Atrébates foi sofrimento, e não há grande coisa que possamos fazer para o ajudar. Evidentemente que nos olha com pouca simpatia.

— Mesmo assim, acho que o sacana devia demonstrar alguma gratidão. Vai a correr para o Imperador, queixar-se que os Catuvelaunos o expulsaram do trono. Cláudio resolve invadir a Britânia, e a primeira coisa que faz é devolver-lhe o reino. Que mais é que ele queria?

Cato olhou um bom bocado para o copo antes de responder. Como habitualmente, Macro via as coisas da forma mais simplista possível. Embora fosse verdade que Vérica tinha recolhido algum benefício do seu apelo a Roma, também era certo que a súplica do velho rei tinha aparecido no momento certo para o Imperador Cláudio e a administração imperial, que buscavam afanosamente uma oportunidade para uma aventura militar. O novo Imperador precisava de um triunfo, e as legiões de algo que as fizesse esquecer o seu perigoso apetite pela política. A conquista da Britânia roera as mentes de todos os políticos de Roma desde que César tinha tenta-

do expandir os limites da glória de Roma para lá do mar, para as enevoadas ilhas das mais selvagens das tribos Célticas. E esta era a oportunidade de Cláudio estabelecer o seu nome, e de se mostrar um herdeiro digno das proezas dos seus antecessores. Pouco importava que a Britânia já não tivesse nada do ar misterioso com que César, sempre disposto a marcar pontos para a posteridade, a descrevera nos seus comentários. Pouco depois, no tempo de Augusto, a ilha tinha sido percorrida de lés a lés por mercadores e viajantes de todas as bandas do Império. Era apenas uma questão de tempo até que este último bastião dos Celtas e dos druidas fosse conquistado e adicionado ao inventário das províncias dos Césares.

Vérica tinha, sem se aperceber, precipitado o fim da orgulhosa tradição de desafio e independência daquela ilha perante Roma. Cato sentiu pena de Vérica e, mais ainda, do seu povo. Tinham sido apanhados entre a irresistível força das legiões, que avançavam sob as suas águias douradas, e o sombrio desespero de Carátaco e da sua pouco coesa confederação de tribos Britânicas, preparados para tomar qualquer medida para forçar os homens de Roma a abandonar aquelas paragens.

— Aquele Vespasiano é doido! — Macro riu enquanto abanava a cabeça. — É difícil de acreditar que ainda está vivo. Viste como ele se atirou aos Bretões como se fosse a porra de um gladiador? O tipo é chanfrado.

— Sim, não é exactamente o comportamento recomendado a um futuro senador. — Admitiu Cato.

— Então o que é que ele anda a fazer?

— Deve pensar que tem algo a provar. Ele e o irmão são os primeiros da família a alcançarem a classe senatorial — portanto, ele é muito diferente dos habituais aristocratas que passam uns tempos como legados. — Cato olhou para o outro centurião. — Deve ser uma mudança agradável.

— Podes dizê-lo. A maior parte dos senadores que tive como comandantes achavam que lutar contra as hordas bárbaras estava abaixo da sua dignidade.

— Não é o caso do nosso legado.

— Não, ele não. — Macro concordou, e despejou o copo. — Embora não lhe vá servir para nada. Sem abastecimentos, a campanha da Segunda vai acabar por ser interrompida. E sabes muito bem o que acontece a legados que não conseguem sucesso. O desgraçado vai acabar como governador de alguma província esquecida em África. É assim que as coisas se passam.

— Talvez. Mas atrevo-me a dizer que outros legados partilharão esse destino, a não ser que se faça alguma coisa acerca destes ataques às nossas linhas de abastecimento.

Os dois homens calaram-se por instantes, considerando as implica-

ções da alteração de estratégia por parte do inimigo. Para Macro, era a chaticice das rações reduzidas e a frustração de ver as legiões a recuar, a perder terreno, a verem-se forçadas a construir pesadas defesas para as suas linhas de comunicação antes de tomarem de novo a ofensiva. Pior ainda, as legiões do General Pláucio teriam de adoptar a tática de destruir impiedosamente as tribos, uma a uma. Assim, a conquista avançaria a passo de caracol; ele e Cato teriam morrido de velhos antes que as horrorosas tribos daquela maldita ilha fossem completamente subjugadas.

Os pensamentos de Cato seguiram as mesmas linhas que os do seu camarada, mas depressa se moveram para um plano mais estratégico. Esta extensão do Império podia muito bem ter sido uma má ideia. Claro que existiam benefícios a curto prazo, sobretudo para o Imperador, que tinha dado um impulso à sua duvidosa popularidade em Roma. Mas, apesar da capital de Carátaco, a cidade de Camaloduno, ter caído nas mãos dos Romanos, o inimigo não se tinha apressado a negociar, muito menos a render-se. De facto, a sua determinação parecia ter aumentado: a liderança de Carátaco não tinha outro objectivo que não fosse impedir o avanço das águias. E a conquista estava a revelar-se bem mais custosa do que o estado-maior imperial alguma vez podia ter imaginado. Para Cato, era evidente que o que havia a fazer, logicamente, era impor um tributo, conseguir uma promessa de aliança das tribos britânicas, e abandonar a ilha.

Mas isso não aconteceria, pelo menos enquanto a credibilidade do Imperador estivesse em jogo. Às legiões e às coortes auxiliares nunca seria permitida a retirada. E os reforços chegariam a conta-gotas — apenas o bastante para manter uma curta vantagem sobre os nativos. Como sempre, era a política que controlava todos os outros factores. Cato suspirou.

— Olha ali. — sibilou Macro, com um aceno na direcção do portão do depósito.

Sob o brilho tremeluzente dos braseiros que ladeavam o caminho avistava-se um pequeno grupo de homens a sair do depósito. Quatro legionários vinham à frente, seguidos por Vespasiano e outros quatro soldados. O grupo tomou a direcção do recinto de Vérica, e marchou pela escuridão sob o olhar dos dois centuriões.

— O que será isto agora? — indagou Cato.

— Uma visita de cortesia?

— Duvido que a recepção seja muito amigável.

Macro encolheu os ombros, demonstrando claramente a sua falta de preocupação acerca da cordialidade das relações de Roma com uma das poucas tribos dispostas a aliar-se a Cláudio. Preferia concentrar-se num assunto muito mais premente.

— Mais um copo? Ofereço eu.

Cato abanou a cabeça.

— Acho melhor não. Estou cansado. É melhor voltarmos ao hospital, antes que algum sacana de um enfermeiro se lembre de dar as nossas camas a outros tipos.



IV

Apesar de ainda excitado por ter sobrevivido à desesperada escaramuça junto aos portões de Caleba, Vespasiano estava de mau humor enquanto percorria as malcheirosas ruas na direcção do recinto real. E não era apenas por não ter apreciado a convocatória pouco delicada que recebera do rei dos Atrébates. Assim que recuperara o fôlego depois de entrar em Caleba, Vespasiano encaminhara os sobreviventes da coluna e os últimos dos seus batedores para o depósito. Todos os homens disponíveis tinham sido colocados nas muralhas, para o caso dos Durotriges decidirem montar um assalto mais ambicioso. No depósito, o legado tinha tido que acalmar uma torrente de oficiais subalternos que pediam a sua atenção. Ocupando o gabinete do falecido centurião Verânio, tinha tratado dos assuntos um de cada vez. O hospital estava repleto de feridos, e o médico-chefe da legião exigia mais homens para instalar outra enfermaria. O centurião que comandava o comboio de abastecimentos pedia que lhe fosse atribuída uma coorte da Segunda Legião, para proteger os vagões na viagem de regresso à base no Tamisa.

— Não posso responsabilizar-me pelos abastecimentos se não tiver protecção adequada, senhor. — Justificou-se prudentemente.

Vespasiano encarou-o com frio desdém.

— És responsável pelos abastecimentos em quaisquer circunstâncias, e sabes isso muito bem.

— Sim, senhor. Mas aqueles sacanas auxiliares Hispânicos que me forneceram são uns inúteis.

— A mim pareceu-me que se estavam a portar bem, há bocado.

— Sim, senhor. — Concedeu o centurião. — Mas não é a mesma coisa que ser protegido por legionários. A nossa infantaria pesada faz os nativos borrar-se de medo.

— Pode ser, mas não te posso dispensar nenhuns dos meus homens.

— Senhor...

— Nem um. Mas amanhã enviarei ao general um pedido para que te mande alguma cavalaria bataviana. Entretanto, quero um inventário completo do material que há no depósito, e depois preciso que aprontes todos os vagões que encontrares, para nos pormos a andar.

O centurião aguardou um instante, esperando por mais instruções, mas Vespasiano indicou-lhe a porta, e acenou para que o homem seguinte se apresentasse. A prioridade era levar abastecimentos aos seus homens, o mais depressa possível. Naquele momento, um dos batedores já regressava à Segunda Legião com ordens para que duas coortes se dirigissem a Caleba. Podia ser uma força desproporcionada, mas Vespasiano tinha que se assegurar que conseguia transferir o máximo de abastecimentos do depósito para a legião. As frequentes sortidas inimigas não permitiam assegurar um fluxo regular de provisões.

Carátaco oferecia-lhe uma escolha paradoxal: se continuasse a avançar, ficaria sem abastecimentos; porém, se protegesse as linhas de comunicação, o avanço seria interrompido. Mais a norte, as forças do general Pláucio já estavam no limite da dispersão, e quase não sobravam homens para escoltar as colunas de abastecimentos, ou para guarnecer os fortins de passagem, ou até para defender este depósito vital em Caleba. O espectáculo miserável que a guarnição oferecera naquela tarde mostrava bem o calibre dos homens que podiam ser dispensados para desempenhar aquele papel. Vespasiano necessitava, acima de tudo, de efectivos. Prontos e bem treinados. Porém, compreendeu enquanto cerrava os dentes com amargura, isso era o mesmo que pedir a lua.

Havia ainda outro problema. O comandante da guarnição morreria. Verânio fora um oficial adequado — adequado a ser dispensado para aquele comando —, mas a Segunda Legião não se podia dar ao luxo de dispensar outro centurião da campanha para destruir os fortes. Como sempre, a taxa de mortalidade entre os centuriões era desproporcionada, já que era seu dever comandar a partir da linha de frente. Já havia várias centúrias a serem comandadas por optios, o que não era de forma alguma satisfatório...

Fora nesse ponto que chegara um mensageiro de Vérica, solicitando a sua presença assim que fosse possível.

Tudo isto lhe pesava no pensamento enquanto percorria as escuras ruas de Caleba, evitando escorregar na lama e na imundície que se espalhavam sob as suas botas. Aqui e ali manchas de luz alaranjada espalhavam-se pelo irregular piso das ruas, vindas de portas abertas nas cabanas dos nativos. Lá dentro Vespasiano avistava as famílias agrupadas ao redor do fogo, mas poucas pareciam estar a comer alguma coisa.

Um portão alto surgiu à frente do legado e da sua escolta, e dois guerreiros atrebatos armados de lanças surgiram das sombras ao ouvirem os

passos que se aproximavam. Baixaram ameaçadoramente as lâminas largas, em forma de folha, até que reconheceram o legado no seio das trevas. Abriam então passagem, e um deles apontou para o grande edifício rectangular no lado distante do recinto. Enquanto atravessava o grande terreiro com a sua escolta, Vespasiano olhou em redor, e notou os estábulos, os armazéns baixos com telhados de colmo, e uma série de edifícios longos e com estruturas de madeira, a partir dos quais se podiam ouvir as vozes roucas e sonoras de homens em conversa. Era então assim que vivia a realeza atrébate — de forma muito diferente dos palácios dos seus pares nas distantes terras do oriente do Império. Um outro padrão civilizacional, reflectiu Vespasiano, e um que Roma bem podia ter ignorado. Levaria muito tempo até que estes bretões subissem ao nível dos outros súbditos do Império e pudessem ocupar um lugar entre eles.

Ardiam tochas de ambos os lados da entrada para o grande salão do rei dos atrébates. À luz que delas emanava Vespasiano apercebeu-se de que o edifício tinha sido concluído desde a sua última visita a Caleba. Era evidente que o rei tinha aspirações a um padrão de vida mais elevado. Não era uma surpresa, pensou Vespasiano, já que muitos dos nobres da ilha tinham passado anos de exílio nas confortáveis acomodações que Roma fornecera.

Um vulto surgiu na entrada, um jovem com pouco mais de vinte anos de idade, calculou o legado. Tinha cabelo castanho claro, apanhado, e era largo de ombros e alto — tinha uns bons centímetros a mais do que Vespasiano. Vestia uma curta túnica sobre calças aos quadrados e botas de cabedal macio, um compromisso entre o traje local e o estilo romano.

O homem agarrou no braço de Vespasiano com um sorriso familiar.

— Saudações, Legado. — Falava num latim com pouco sotaque.

— Conheço-te? Não me recordo...

— Nunca fomos formalmente apresentados, senhor. Chamo-me Tincómio. Estava com o séquito do meu tio quando ele cavalgou ao seu encontro, quando a sua legião aqui chegou no início da Primavera.

— Estou a ver. — Vespasiano acenou, embora não se recordasse de todo do sujeito. — O teu tio?

— Vérica. — Um sorriso modesto. — O nosso rei.

Vespasiano olhou de novo para ele, avaliando-o mais pormenorizadamente.

— Falas latim com grande fluência.

— Passei grande parte da minha juventude na Gália, senhor. Abandonei o meu pai quando ele aceitou ser súbdito dos Catuvelaunos. Portanto, juntei-me ao meu tio no exílio... Bom, se quiser deixar aqui a sua guarda pessoal, levá-lo-ei à presença do rei.

Vespasiano ordenou aos seus homens que o esperassem ali, e seguiu Tincómio através das altas portas de carvalho. Lá dentro havia um salão imponente, com um tecto abobadado e alto, suportado por grossas vigas. Tincómio reparou que o legado estava impressionado.

— O rei recorda o tempo passado no exílio com alguma saudade da arquitectura romana. Este edifício foi terminado há um mês.

— São com certeza instalações dignas de um rei. — Respondeu Vespasiano de forma educada, enquanto seguia Tincómio pelo salão. O bretão tinha virado à direita e fizera uma vénia respeitosa, e Vespasiano imitou-o. Vérica estava só, sentado num estrado. A um dos lados via-se uma pequena mesa coberta com pratos requintados. No outro lado, no chão, estava uma elegante braseira de bronze, na qual ardiam alguns ramos sobre brasas bem vivas. Vérica acenou-lhes para que se aproximassem, e Vespasiano escutou o eco das suas botas cardadas ao avançar para o rei dos atrébatas. Embora tivesse quase setenta anos de idade, os olhos brilhavam-lhe com vivacidade sob a pele enrugada e o longo cabelo cinzento. Era alto e magro, e ainda tinha um ar de comando que lhe devia ter granjeado enorme respeito quando estivera no auge das suas capacidades, pensou Vespasiano.

Lentamente, o rei acabou de comer o pastel que tinha na mão, e atirou as migalhas para o chão. Tossiu para limpar a garganta.

— Solicitei a tua presença para discutir os acontecimentos desta tarde, Legado.

— Supus que seria essa a razão, senhor.

— Tens que pôr um fim a estes ataques do inimigo contra as terras dos atrébatas. Não se pode permitir que continuem nem mais um momento. Não são só os vossos comboios que são atacados; o meu povo vê-se obrigado a abandonar as suas quintas.

— Sei disso, senhor.

— A simpatia não enche estômagos, Legado. Porque não nos disponibilizas parte das reservas do vosso depósito? Têm lá muitos víveres, mas o teu centurião Verânio recusou-se a fornecer-nos provisões.

— Agiu segundo as minhas ordens. A minha legião pode vir a precisar de tudo o que lá se encontra.

— Tudo? Deve lá estar muito mais do que aquilo de que vocês poderão precisar. E o meu povo morre de fome, neste momento.

— Senhor, não tenho dúvidas de que esta será uma longa campanha. — Contrariou Vespasiano. — E também não duvido de que perderemos mais abastecimentos por causa dos ataques dos Durotriges, antes que acabe a estação. Evidentemente, terei que constituir reservas para abastecer uma base avançada durante o Inverno.

— E o meu povo? — As mãos de Vérica indicaram um prato de tâmaras com mel. — Não posso permitir que passem fome.

— Assim que derrotarmos os Durotriges, o vosso povo pode voltar às quintas. Mas não o conseguiremos se as minhas tropas não tiverem nada nos estômagos.

Era um impasse, e ambos o sabiam. Por fim, Tincómio rompeu o silêncio.

— Legado, já ponderou o que poderá suceder se o nosso povo não for alimentado? E se os Atrébates se revoltarem contra Vérica?

Vespasiano já tinha de facto considerado essa possibilidade, e as consequências que adivinhava eram profundamente perturbantes. Se os Atrébates depusessem Vérica e se juntassem às outras tribos que lutavam ao lado de Carátaco, então o general Pláucio e as suas legiões ficariam separados da base de abastecimentos em Rutúpias. Com inimigos pela frente, pelos lados e por trás, Pláucio teria que recuar para a segurança de Camaloduno. E se os locais, os Trinobantes, apesar de submetidos, se entusiasmassem com a revolta dos Atrébates, então só um milagre poderia evitar que Pláucio e as legiões tivessem o mesmo destino que o general Varo e as suas três legiões nas profundezas da Germânia, há quase quarenta anos.

Vespasiano controlou a ansiedade e lançou um olhar duro a Tincómio.

— Achas que é provável que o vosso povo se revolte contra o rei?

— Contra o rei, não. Contra Roma. — Retorquiu Tincómio. Depois deixou que um sorriso se abrisse. — Por enquanto limitam-se a resmungar. Mas quem sabe do que são capazes homens esfomeados?

Vespasiano manteve uma expressão fixa enquanto Tincómio continuava:

— E a fome não é o único perigo. Alguns nobres não são exactamente entusiastas acerca da nossa aliança com Roma. Neste preciso momento, há centenas dos nossos melhores guerreiros a lutar ao lado de Carátaco. Roma não deve pensar que a lealdade dos Atrébates está garantida.

— Estou a perceber. — Um leve sorriso aflorou os lábios de Vespasiano. — Ameaçam-me.

— Não, meu caro Legado! — Interrompeu Vérica. — De forma alguma. Deve compreender o rapaz. Os jovens são dados ao exagero, não é verdade? Aqui o Tincómio apenas se limitava a expor uma possibilidade nos seus contornos mais extremados, por pouco credíveis que sejam.

— Compreendo.

— Seja como for, deve compreender que existe uma verdadeira ameaça à minha posição, e que alguns a explorarão se continuar a permitir que o meu povo passe fome.

Havia agora uma tensão palpável entre os três homens, e a ira de Vespasiano perante a descarada tentativa de o chantagear ameaçava explodir num chorrilho de acusações que nada teriam de diplomáticas. Forçou-se a acalmar os ânimos e a reavaliar a situação. Já era mau que os Atrébates não fossem unânimes acerca da aliança com Roma, não havia nada a ganhar em piorar as coisas estragando as relações com os que ainda honravam esse laço.

— Que querem que eu faça?

— Entregue as provisões. — Foi a resposta de Tincómio.

— Impossível.

— Então dê-nos homens suficientes para que possamos perseguir e destruir os atacantes.

— Também é impossível. Não posso dispensar nem um homem.

Tincómio encolheu os ombros.

— Então não podemos garantir a lealdade dos Atrébates.

A discussão andava em círculos, e a frustração de Vespasiano ameaçava de novo transformar-se em ira. Tinha que haver uma maneira de resolver a questão.

Teve uma ideia.

— Porque não os perseguem vocês?

— Com que tropas? — ripostou Vérica. — O General não me permite mais do que cinquenta homens armados. Mal chegam para proteger o recinto real, quanto mais os baluartes da cidade. O que poderiam cinquenta homens contra aquela força que atacou hoje o vosso comboio?

— Então recrute mais homens. Pedirei ao General Pláucio que suspenda os limites impostos às vossas forças.

— Isso soa muito bem — afirmou Tincómio calmamente —, mas temos muito poucos guerreiros disponíveis. Muitos preferiram juntar-se a Carátaco a depor as armas. Alguns — não muitos — mantiveram-se fiéis a Vérica.

— Então comecem por esses. Deve haver muitos outros que gostariam de se vingar dos Durotriges — aqueles cujas quintas foram destruídas pelos atacantes, por exemplo.

— São camponeses. — Afirmou Tincómio com desprezo. — Pouco sabem de combates. Não têm sequer armas apropriadas. Seriam chacinados.

— Treinem-nos! Posso fornecer as armas — assim que tiver autorização do general —, há-as no depósito para pelo menos mil homens. São mais do que suficientes para enfrentar os bandos de atacantes... a menos que os Atrébates tenham medo.

O sorriso de Tincómio foi amargo.

— Vocês, Romanos, são muito corajosos por trás das vossas armaduras, dos vossos grandes escudos e de todos aqueles equipamentos que usam no campo de batalha... Que sabem vocês sobre coragem?

Vérica tossiu.

— Se pudesse fazer uma sugestão...

Os outros dois viraram-se para o idoso ocupante do trono. Vespasiano curvou a cabeça, assentindo.

— Por favor.

— Passou-me pela cabeça que podias emprestar-nos alguns oficiais para treinar os nossos homens ao estilo romano. Ainda por cima, lutarão com as vossas armas. Podes com certeza dispensar uns homens — se ajudar a resolver todos os nossos problemas?

Vespasiano ponderou a ideia. Fazia sentido. Caleba proteger-se-ia a si mesma, e aquela força podia aliviar a pressão sobre as linhas de abastecimento romanas. Valia bem a pena destacar alguns oficiais para aquela missão. Olhou para Vérica e assentiu. O rei sorriu.

— É claro que tal força precisaria de provisões adequadas para ser eficaz... Tu o disseste, Legado. Os soldados só têm valor se tiverem as barrigas cheias.

— Sim, meu senhor. — Reforçou Tincómio, e continuou, com um toque de cinismo na voz. — Atrevo-me a dizer que a perspectiva de uma boa refeição atrairá grande número de voluntários. E uma barriga cheia é um excelente antídoto contra instintos de rebelião.

— Esperem aí. — Vespasiano ergueu a mão, desejoso de não se comprometer a mais do que podia oferecer. Estava furioso com o ancião por o ter manobrado até àquela posição, mas não podia evitar a pertinência do argumento. O esquema até podia funcionar, desde que o general Pláucio concordasse com o facto de distribuir armas aos atrebates. — É uma proposta interessante. Tenho que meditar sobre ela.

Vérica assentiu.

— Evidentemente, Legado. Mas não leves dias a fazê-lo, há? Treinar homens leva tempo, e disso temos muito pouco, se queremos que isto sirva para alguma coisa. Dá-me a tua resposta amanhã. Podes ir.

— Sim, senhor.

Vespasiano virou-se abruptamente e marchou para fora do salão, sob o olhar silencioso dos dois Bretões. Estava ansioso por se ver livre daquela companhia, e ir para um sítio tranquilo, onde a sua mente cansada pudesse analisar o plano, sem se preocupar com as manipulações do astuto rei dos atrebates.



V

— Centurião, segure aqui, por favor. — O médico entregou um gládio a Cato. Este empunhou-o na mão direita e, devagar, levantou-o até à altura do peito. A luz do sol matinal fez refulgir a lâmina.

— Muito bem. Agora estique o braço o mais que puder, e mantenha a posição.

Cato olhou ao longo do braço e fez um esgar de esforço, porque lhe era difícil manter a arma em posição elevada; não conseguia evitar que a ponta dançasse no ar, e depressa o próprio braço lhe começou a tremer.

— Agora para o lado, senhor.

Fez um arco rápido com o braço, obrigando o médico a agachar-se para evitar a lâmina. Macro piscou o olho a Cato, enquanto o outro se voltava a endireitar, bem longe da espada.

— Bom, bom, está visto que não há problemas com esses músculos! E o outro lado, como é que o sente?

— Preso. — Respondeu Cato, de dentes cerrados. — Parece que há qualquer coisa demasiado esticado.

— Doloroso?

— Muito.

— Já pode baixar a espada, senhor. — O médico esperou que a arma regressasse à bainha, e voltou à posição que ocupara antes. Cato esperou à sua frente, de tronco nu, e o outro percorreu com o dedo a espessa linha vermelha que fazia uma curva sobre o lado esquerdo do torso do jovem centurião, e continuava pelas costas. — Os músculos estão muito rígidos, aqui por baixo da cicatriz. Vai precisar de os soltar, e para isso é preciso muito exercício. Vai ser doloroso, senhor.

— Pouco importa. — Replicou Cato. — Só quero saber quando é que posso voltar para a legião.

— Ah... — O médico fez uma careta. — Isso é capaz de levar algum tempo e, bom, muito francamente, é melhor não alimentar grandes esperanças.

— O quê? — Havia uma calma intensidade na voz de Cato. — Eu *vou* recuperar.

— Claro que vai, centurião. Claro que vai. Mas é capaz de ter alguma dificuldade para aguentar o peso de um escudo no braço esquerdo, e isso, mais o esforço de empunhar a espada, pode fazer com que os músculos desse lado se rasguem. O que provocaria uma dor agonizante.

— Já enfrentei a dor antes.

— Sim, senhor. Mas esta dor seria incapacitante. Não há uma maneira fácil de dizer isto, senhor, mas o facto é que a sua carreira militar pode estar acabada.

— Acabada? — Respondeu Cato sem mostrar emoção. — Mal tenho dezoito anos... Não pode ser.

— Não disse que *estava*, senhor. Disse apenas que é uma *possibilidade*. Com bastante exercício, e tomando algumas precauções quanto a esse lado do corpo, também é perfeitamente possível que possa voltar ao serviço activo.

— Estou a ver... — Cato sentiu-se mal. — Obrigado por tudo.

O médico fez um sorriso que tentou ser animador.

— Bom, então vou andando.

— Sim...

Depois de a porta se ter fechado, Cato vestiu a túnica e deixou-se cair sobre a cama. Passou a mão pelo cabelo, afagando os caracóis escuros. Era inacreditável. Ainda nem tinha completado dois anos de serviço nas Águias, mal tinha sido promovido, e um médico dizia-lhe que estava acabado.

— Ele que se vá lixar. — Disse Macro, numa tentativa canhestra de animar o amigo. — Do que tu precisas é de exercício, de ficar em forma outra vez. Vamos a isso os dois juntos, e hás-de ver que te ponho à frente da tua própria centúria em menos de nada.

— Obrigado.

Macro estava apenas a tentar ajudar; apesar da sua agonia interna, Cato tinha que se mostrar grato. Endireitou-se, e forçou-se a sorrir.

— Bom, então é melhor começar com o exercício tão depressa quanto possível.

— É assim mesmo! — Soltou Macro, e preparava-se para mais encojamentos, quando se ouviu um arranhar na porta.

— Entre! — Gritou o centurião.

— Centuriões Lúcio Cornélio Macro e Quinto Licínio Cato?

— Somos nós, sim.

— O legado solicita a vossa presença.

— Agora? — Macro fez uma careta ao olhar através das persianas abertas. O sol tinha nascido há já algumas horas, o que era denunciado pela

posição que ocupava no céu. Olhou para Cato com o sobrolho arqueado.
— Diz-lhe que vamos imediatamente.

— Sim, senhor.

Depois de o batedor sair, fechando a porta, Macro apressou-se a pegar nas botas e a dar uma palmadinha de encorajamento a Cato.

— Vamos lá, miúdo.



Vespasiano designou com a mão o banco do outro lado da mesa onde tomava o pequeno-almoço. Havia uma escudela com pãezinhos, uma malga de azeite e um jarro de molho de peixe. Os olhos de Macro encontraram os de Cato, e ele encolheu os ombros para assinalar o seu desapontamento. Se era assim que os legados se alimentavam, bem podiam ficar com aquilo.

— Bom — começou Vespasiano, enquanto espalhava o escuro molho de peixe sobre um naco de pão —, como é que vai a vossa recuperação? Já estão em condições de voltar ao serviço, para coisas leves?

Macro trocou um olhar rápido com Cato, enquanto o legado arrancava um pedaço de pão e o colocava na boca.

— Senhor, estamos praticamente restabelecidos e prontos para o serviço. Vamos regressar à legião? — Perguntou Macro, com esperança na voz.

— Não. Para já, pelo menos. — Vespasiano não conseguiu deixar de sorrir perante a evidente pressa do centurião em voltar à acção. — Preciso de dois homens de qualidade para outra tarefa. Algo de muito importante para o sucesso da campanha.

Cato franziu o sobrolho. A última tarefa especial que lhes tinha sido atribuída quase que tinha acabado com os dois. O legado leu correctamente a expressão que preenchia o rosto do jovem centurião.

— Oh, não é nada como a última vez. Nada de perigoso. Bom, pelo menos, não deve ser perigoso. — Vespasiano mordeu outro pedaço de pão e começou a mastigá-lo. — Nem devem precisar de sair de Caleba.

Os seus dois interlocutores relaxaram visivelmente.

— Bom, senhor — continuou Macro —, então para que precisa de nós?

— Sabes que o Centurião Verânio foi morto ontem?

— Sim, senhor. Vimos o que aconteceu, estávamos no portão. — Por momentos, Macro esteve tentado a juntar algumas palavras que exprimissem a tristeza que era suposto sentir. Mas recusou-se a mostrar qualquer sentimentalismo, até porque nunca tinha gostado particularmente de Verânio.

— Era o único oficial que eu podia dispensar para comandar esta guarnição.

Havia na afirmação um julgamento implícito sobre as capacidades do

homem, e Macro sentiu-se ligeiramente surpreendido pela concordância de pontos de vista entre ele e o legado.

— Agora preciso de outro comandante. Não deve ser um papel que não possas desempenhar enquanto continuas a recuperar.

— Eu, senhor? Comandar o depósito? — A surpresa de Macro acentuou-se. Então, a perspectiva do seu primeiro comando independente encheu-o de orgulho e aqueceu-lhe o espírito. — Obrigado, senhor. Sim, ficaria feliz — seria uma honra — se me fosse atribuído tal cargo.

— Macro, isto é uma ordem — a resposta de Vespasiano foi seca —, não é um convite.

— Oh, claro.

— Há mais. — O legado fez uma curta pausa. — Quero que tu e o Centurião Cato treinem uma pequena força que ficará ao serviço do rei aqui em Caleba. Um par de coortes, era a minha ideia.

— Duas coortes? — As sobrancelhas de Cato ergueram-se em sinal de surpresa. — Mas isso são mais de novecentos homens. Onde é que os vamos arranjar, senhor? Duvido que haja na cidade tantos homens com a qualidade que precisamos.

— Vérica que espalhe a notícia. Não me parece que, na presente situação, haja falta de voluntários. Quando aparecerem, escolham-nos e treinem-nos na nossa maneira de combater; depois, serão vocês os seus comandantes, responsáveis perante Vérica.

Macro mordeu o lábio.

— Senhor, será isto aconselhável? Armar os Atrébates? Pensava que a política do general era a de desarmar as tribos nativas. Mesmo as que são nossas aliadas.

— Sim, é essa a política — admitiu Vespasiano —, mas a situação alterou-se. Não posso dispensar mais homens para proteger Caleba, nem para enfrentar os ataques às nossas colunas de abastecimento. Não tenho outra escolha senão usar os Atrébates. Portanto, comecem a treiná-los o mais depressa possível. Tenho que regressar à legião ainda hoje. Mandei uma mensagem ao General Pláucio a informá-lo destes planos, e a pedir-lhe permissão para equipar os homens de Vérica com material aqui do depósito. Treinem-nos, alimentem-nos, mas não os armem antes de receberem autorização do general. Percebido?

— Sim, senhor. — Respondeu Macro.

— Acham que conseguem dar conta disto?

Macro arqueou os sobrolhos, e abanou lentamente os ombros.

— Bem, senhor, acho que podemos fazer qualquer coisa com estes tipos, sim. Não prometo é que sejam tropas de choque.

— Bom, o que peço é que consigam fazer com que Vérica e o seu

povo se sintam protegidos, e que os cabrões dos Durotriges pensem duas vezes antes de atacar os nossos comboios de provisões. Acima de tudo, assegurem-se de que nada acontece a Vérica. Se ele for deposto, ou morto, os Atrébates podem virar-se contra nós. E se isso acontecer... podemos ter de abandonar a conquista desta ilha. E podem imaginar como isso seria visto em Roma. O Imperador não ficaria nada satisfeito connosco. -Vespasiano encarou os dois centuriões, para sublinhar a importância do aviso que lhes dera. Se a Britânia fosse perdida, não haveria misericórdia para com os oficiais directamente responsáveis pela derrota: o legado da Segunda Legião, e os dois centuriões a quem ele atribuíra a defesa de Caleba e a protecção do rei dos Atrébates. — Portanto, senhores, mantenham Vérica vivo. É tudo o que lhes peço. Façam um bom trabalho, e depois poderão regressar à legião, assim que estiverem em condições.

— Sim, senhor.

— Bom, e agora — Vespasiano afastou o prato e levantou-se do banco que ocupava —, ainda tenho que tratar de alguns assuntos antes de regressar à legião. Quero que te mudes para estas instalações, e que assumas imediatamente o comando da guarnição. Quanto ao outro assunto, terás que ir ao recinto real e falar com um dos conselheiros de Vérica. Chama-se Tincómio. Diz-lhe aquilo de que precisas, e ele tratará de tudo. Acho que é de confiança. Pronto, vê-los-ei de novo quando puder. Boa sorte.

Depois de Vespasiano sair, Macro e Cato sentaram-se à mesa.

— Isto não me agrada. — Começou Cato. — O legado está a assumir um grande risco ao armar os nativos. Serão realmente leais a Vérica? Poderemos mesmo confiar neles? Já vi como as coisas andam pelas ruas. Não há por ali grande amor a Roma.

— É verdade. Mas eles ainda gostam menos dos Durotriges. Pensa nisto, Cato. Uma oportunidade de criar e comandar o nosso próprio exército!

— O exército de Vérica, não o nosso.

— De nome, sim, mas só isso, quando eu tiver terminado.

Cato apercebeu-se do brilho de excitação nos olhos do amigo, e concluiu que não valia a pena, de momento, tentar contradizê-lo. Adivinhava que treinar nativos arregimentados ia ser mais difícil que treinar novos recrutas para as legiões. Havia muitos factores a ter em conta, e a língua não era o menos importante deles. Tinha conseguido apanhar uns rudimentos de Céltico durante estes meses em Caleba, mas percebia que ia ter que melhorar, e muito, se queria ser entendido pelos recrutas nativos. Macro tinha razão numa coisa: era uma oportunidade excitante. Podiam abandonar o hospital e dar os primeiros passos no caminho do regresso à verdadeira vida militar.



VI

Quando o centurião Macro saiu do edifício do comando, a luz do sol ainda não tinha atingido o cimo da paliçada do depósito. Vestia uniforme completo, botas cardadas e grevas prateadas, a cota de malha ornada com todas as suas medalhas e, por fim, o capacete com a crista transversal, brilhando fracamente à sombra dos baluartes. Na mão transportava uma vara de videira, o símbolo do direito que lhe fora concedido por Imperador, Senado e Povo de Roma de castigar o sacrossanto corpo de um cidadão Romano. Rodava a vara entre os dedos da mão direita enquanto se dirigia à silenciosa massa de nativos que o esperava no terreno de treino. Desde que, a partir da capital dos Atrébates, se tinha espalhado a notícia de que se iam organizar coortes de nativos, milhares de homens de todo o território se tinham juntado aos de Caleba, na esperança de serem seleccionados.

Depois de perto de dois meses no hospital, a recuperar da ferida que recebera na cabeça, Macro sentia-se bem por regressar às rotinas familiares na vida de um centurião. Não, corrigiu-se, à parte as malditas dores de cabeça que de vez em quando quase lhe estoiravam o crânio, a vida não era boa, era simplesmente maravilhosa. Espetou o peito para fora, assobiando alegremente para si mesmo ao aproximar-se dos recrutas.

Perto da multidão, o Centurião Cato entretinha-se na conversa com Tincómio. Era a primeira vez que Cato envergava o uniforme e o equipamento de um centurião, e a Macro parecia-lhe que lhe assentava tão bem, ou tão mal, como o de optio. O jovem era alto e magro, e a cota de malha parecia mais pendurada nele do que vestida por ele. Empunhava a vara de forma pouco decidida, e era difícil imaginá-lo a empregá-la nas costas de um legionário recalcitrante, para não dizer nas de um daqueles nativos. A estadia hospitalar não tinha feito grande coisa pela sua aparência esquelética, e a perda muscular nas pernas era bem evidente pelo facto de as costas das grevas chegarem a sobrepor-se ligeiramente.

Em contraste, Tincómio estava são como um pêro; apesar de ser ainda mais alto do que Cato, tinha uma largura de ombros proporcional, e parecia não apenas forte mas também rápido. O rei tinha encarregado o jovem aristocrata atébete de desempenhar as funções de tradutor e conselheiro, e este mostrava-se interessado em aprender tudo sobre as legiões Romanas. Não devia ser mais do que um ou dois anos mais velho do que Cato, e agradava a Macro vê-los a conversar e a rir juntos, enquanto se dirigia na sua direcção. Cato que se tornasse amigo do Bretão; assim Macro não teria necessidade de o fazer. O centurião mais velho desconfiava dos desconhecidos, e dos bárbaros ainda mais.

— Meus senhores — interrompeu —, não estamos aqui para contar piadas. Temos um trabalho a fazer.

Cato virou-se para o seu superior, e pôs-se em sentido. Apesar de terem a mesma patente, a antiguidade contava para a hierarquia, e Cato seria sempre subalterno de Macro, a não ser que — por qualquer perverso capricho da providência — lhe fosse atribuído o comando de alguma coorte auxiliar, ou fosse promovido para a Primeira Coorte da Segunda Legião, casos que não eram de todo prováveis de suceder durante muitos e longos anos.

— Preparado, miúdo? — Macro piscou o olho na direcção de Cato.

— Sim, senhor.

— Então vamos a isso! — Macro enfiou a vara debaixo do braço e esfregou as enormes mãos. — Vamos pô-los em formação. Tincómio, destes, quantos é que têm alguma experiência militar?

O bretão virou-se para a multidão e indicou com a cabeça um pequeno grupo que se mantinha à parte. Eram uns vinte ou trinta homens, despreocupados, todos aparentando estar no auge da vitalidade.

— São da nossa casta guerreira. Treinados para o combate desde pequenos. Também sabem montar.

— Bom, já é um começo. Tincómio?

— Sim?

Macro inclinou-se para ele.

— Uma palavrinha quanto ao protocolo. Daqui em diante, deves tratar-me por “senhor”.

As sobranceiras do aristocrata atébete ergueram-se de espanto. Para suprema irritação de Macro, Tincómio lançou um olhar interrogador a Cato.

— E olha para mim quando estiver a falar contigo! Percebido?

— Sim.

— Sim, o quê? — Lançou Macro, com uma ameaça velada na voz.

— Sim, o quê?

— Sim, senhor.

— Assim é melhor! Agora nunca mais te esqueças.

— Sim... senhor.

— Bom, vamos ver. Os outros — que género de experiência é que têm?

— Nenhuma, senhor. Quase todos são lavradores. Devem estar em forma, mas o mais próximo que estiveram de um combate foi na luta para manter as raposas fora dos galinheiros.

— Bom, vamos lá ver se estão mesmo em forma. Só podemos ficar com os melhores, portanto temos que começar a eliminar o lixo. Vamos usar os teus guerreiros para orientar a formação. Chama-os cá. Cato, tens as marcas?

— Sim, senhor. — O centurião mais jovem deu um toque num saco que tinha aos pés.

— Então porque é que ainda não estão nas posições devidas?

— Desculpe, senhor. Vou tratar disso imediatamente.

Macro assentiu discretamente, e Cato pegou no saco e afastou-se uma pequena distância na direcção dos voluntários. Parou e remexeu o interior do saco até extrair uma marca numerada, que espetou no chão. Então contou dez passos e espetou a marca seguinte, e assim por diante, até que no terreno estavam duas linhas com dez marcadores cada; as suficientes para o primeiro lote de duzentos recrutas. Nos dias seguintes, os dois centuriões tinham que recrutar doze centúrias com oitenta homens em cada uma, num total de novecentos e sessenta recrutas, mas o número dos que tinham respondido ao apelo de Vérica era muito superior. Tinha bastado a promessa de alimentação regular para atrair homens de todo o reino.

— Tincómio!

— Sim, senhor.

— Coloca um dos teus guerreiros junto a cada uma das marcas. Diz-lhes que são os comandantes das secções. Depois, agarra em nove dos outros e alinha-os pelo primeiro. Percebido?

— Sim, senhor.

— Ótimo. Executa, então.

Macro esperou pacientemente enquanto Tincómio conduzia os voluntários até às marcas e Cato os puxava e empurrava até às posições correctas. O sol já há muito que se elevava acima dos baluartes quando toda a gente ficou em posição, e o capacete de Macro, extremamente polido, reflectiu quando ele se dirigiu aos atrebatas. À sua direita estava Tincómio, preparado para traduzir as palavras do centurião. À esquerda encontrava-se Cato, imóvel, em sentido.

— Primeira coisa! — Berrou Macro, fazendo logo uma pausa para que Tincómio traduzisse. — Sempre que eu der esta ordem “Formar”, que-

ro que todos se dirijam exactamente à posição em que estão neste momento. Memorizem-na! ... Segunda, nesta altura isso está uma confusão. Temos que endireitar essas linhas.

Tincómio fez uma pausa antes de traduzir.

— Quer que eu traduza isso tudo, senhor?

— Porra, é evidente que quero! Despacha-te!

— Certo. — A educação linguística de Tincómio, evidentemente, tinha sido mais orientada para o discurso refinado do que para o vernáculo. Berrou em céltico, e uma revoada de gargalhadas dos voluntários sublinhou as suas palavras.

— CALADOS! — Rugiu Macro. Os recrutas calaram-se, sem necessidade de tradução. — Bom, agora, cada homem levanta o braço até à horizontal, como eu estou a fazer. A mão deve tocar no ombro do homem do lado. Se não o fizer, movam-se até que isso aconteça.

Os nativos começaram a mexer-se de um lado para o outro assim que Tincómio acabou de traduzir, e um suave murmúrio começou a ouvir-se em céltico.

— EM SILÊNCIO!

Continuaram então a arrumar-se com as línguas presas, à excepção de um desgraçado que atraiu imediatamente a atenção de Macro.

— Tu aí! Estás a ver se me fazes passar por parvo? Braço direito, disse eu, NÃO É A PORRA DO BRAÇO ESQUERDO! Cato! Dá-lhe uma ajuda!

O centurião mais jovem correu até ao objecto da raiva de Macro. O nativo era baixo e entroncado, com uma expressão bovina de incompreensão estampada no rosto. Cato resistiu à tentação de o saudar com um sorriso amigável, e empurrou o braço esquerdo do homem para baixo, até junto ao corpo. Deu-lhe um toque no ombro direito.

— Este! — Disse em céltico. — Braço direito... braço direito. Percebes? O braço direito para cima! — Cato levantou a mão para demonstrar, e o bretão sorriu com ar de idiota. Cato sorriu e deu um passo atrás antes de voltar a tentar. — Verificar formação!... Não, o braço direito, disse eu! Como os outros todos!

— Centurião Cato, o que está a fazer? — Vociferou Macro ao aproximar-se. — Vá! Sai do meu caminho. Só há uma maneira de ensinar sacanas tão cretinos como este.

Macro especou-se em frente do voluntário, que ainda sorria, agora mais nervoso.

— Estás a rir de quê? Achas-me piada, é? — Riu Macro. — É isso? Bom, vamos lá a ver se me achas assim uma diversão tão grande!

Ergueu a vara e aplicou uma vergastada no braço esquerdo do homem.

— BRAÇO ESQUERDO!

O bretão gritou de dor, mas antes que pudesse fazer alguma coisa, Macro atingiu-o no outro lado.

— BRAÇO DIREITO!... Bom, vamos ver se aprendeste alguma coisa... Braço esquerdo!

O nativo ergueu rapidamente o braço esquerdo.

— Braço direito!

Um braço abaixou-se, o outro levantou-se.

— Bravo, pá! Ainda havemos de fazer de ti um soldado. Prossiga, centurião, Cato.

— Sim, senhor.



Quando finalmente os voluntários conseguiram formar de maneira satisfatória para Macro, chegou a altura de testar a sua condição física. Secção por secção, os Atrébates lançaram-se em corrida a passo regular em volta do perímetro do depósito. Cato e Macro colocaram-se na diagonal, em cantos opostos, encorajando cada secção à medida que esta descrevia a curva e se lançava na recta seguinte. Pouco depois as secções já estavam desorganizadas, e uma linha contínua de homens corria, arfando e arquejando, à volta do depósito. Tal como Macro antecipara, depressa os guerreiros e os mais atléticos dos outros homens se juntaram na frente, e começaram a destacar-se.

— Isto não é nenhuma corrida! — Rugiu Macro, com a mão em concha para melhor ser ouvido. — Cato! Diz-lhes que quero ver quanto tempo aguentam a correr num ritmo regular. Eles que vão mais devagar.

Toda a manhã Macro os obrigou a correr. Ao fim de algum tempo, os primeiros homens começaram a parar: os mais fracos e os mais velhos, já sem capacidade para aguentar aquele ritmo. Foram imediatamente conduzidos aos portões do depósito e dispensados. A maior parte aceitou de bom grado a rejeição. Alguns mostraram-se claramente envergonhados, e lançaram comentários grosseiros por cima dos ombros ao saírem para as ruas de Caleba. Os restantes forçaram-se a continuar a correr, volta após volta, muitos com cerradas expressões de determinação estampadas nos rostos.

Cerca do meio-dia, Macro atravessou indolentemente a parada e juntou-se a Cato.

— Acho que já chega. Vamos dar comida e descanso a estes, e ver o que nos traz o próximo lote. Assim que fizeres as contas, diz-me com quantos é que ficámos.

À medida que os voluntários passavam por ele, Cato fazia-lhes sinais para que parassem, contava-os e ia inscrevendo os números numa placa, antes de os mandar para o edifício do comando, onde membros da guarnição lhes distribuíam pão e taças de vinho aguado. Depois do último homem se arrastar na direcção que lhe tinha sido indicada, Cato apresentou o relatório.

- Ficaram oitenta e quatro.
- Algum dos guerreiros do Tincómio desistiu?
- Nem um.
- Impressionante, sim senhor. Vamos ver como é que se aguentam com o equipamento completo. Bom, vamos lá ao lote seguinte.



O processo prosseguiu da mesma forma nos três dias seguintes, até Macro conseguir reunir elementos suficientes para as suas duas coortes. Ao entardecer do terceiro dia, chegou a Caleba uma coorte da Segunda Legião para escoltar um comboio de abastecimentos. Todas as carroças que Macro conseguira reunir estavam prontas, repletas de víveres e equipamentos. Desta forma, Vespasiano conseguiria manter a sua força no terreno mais algum tempo, embora os homens do depósito ficassem a depender da chegada segura dos abastecimentos de Rutúpias, que devia acontecer daí a menos de três semanas. Esse comboio que estava para chegar não teria mais do que uma pequena escolta quando deixasse para trás a fortaleza junto ao Tamisa, na última parte da sua viagem. A menos que uma coluna partisse de Caleba ao seu encontro e reforçasse a escolta, haveria grandes possibilidades de que os batedores Durotriges a detectassem e se desse uma emboscada. Com mais mil bocas para alimentar com os víveres existentes no depósito, era claro que as duas novas coortes iam ter que trabalhar para justificar a sua existência.

— Não vamos estar prontos a tempo. — Cato e Macro jantavam galinha fria nos aposentos do segundo quando o jovem centurião emitiu aquela opinião.

Macro e Tincómio, que os acompanhava, levantaram os olhos dos pratos. Macro acabou o pedaço que mordiscava, e limpou a gordura dos lábios com as costas da mão.

— Pois não, a não ser que recebamos autorização para lhes distribuir armas. Enviá-los para o terreno com paus e foices seria o mesmo que mandá-los para o matadouro.

— Então como é que vamos fazer? — Perguntou Tincómio.

— Continuamos com a instrução. Temos em armazém algumas can-

gas. Vou pedir aos carpinteiros para as dividirem em pedaços. Podemos ao menos começar o treino básico de espada.

Tincómio assentiu, e limpou o prato com o último pedaço de pão. Empurrou o prato.

— E agora, senhor, se me der licença, tenho que voltar ao recinto real e passar lá a noite.

— Porquê?

— O rei reuniu alguns dos nobres para um serão entre amigos.

— Bebida?

— Bem, vai haver lutas de cães, luta livre, umas histórias bem inventadas. Mas sobretudo, bebida.

— Vê se estás de volta antes da madrugada. O treino começa assim que alvorecer.

— Lá estarei, senhor.

— É bom que estejas. — Macro acenou significativamente na direcção da sua vara de videira, apoiada à parede num canto da sala.

— Está a brincar? — Admirou-se Tincómio. — Seria capaz de espancar um membro da casa real?

— Podes crer, filho. A disciplina das legiões tem que ser aplicável a todos os homens, ou não o será a nenhum. E vai ser assim — tem que ser assim — se queremos enfrentar os cabrões dos Durotriges.

Tincómio fitou o centurião durante alguns instantes, e depois acenou em concordância.

— Voltarei antes da madrugada.

Quando os dois romanos ficaram sozinhos, Macro refastelou-se na cadeira e pôs-se às pancadinhas ao estômago. Emitiu um sonoro arrote, fazendo com que Cato erguesse o olhar, sobrolho franzido.

— O que foi?

— Nada, senhor. Peço desculpa.

Macro suspirou.

— Lá vens tu outra vez com o ‘senhor’. Pensei que já te tivesse passado essa mania.

— Sou um homem de hábitos. — Gracejou Cato. — Mas estou a trabalhar no assunto.

— É bom que o faças.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que tens andado um bocado murcho nos últimos dias. Se me vais mesmo ajudar a treinar estes Atrébates para enfrentarem o inimigo, vais ter que melhorar a tua técnica.

— Vou tentar.

— Tentar não chega, miúdo. Treinar homens para fazer a guerra é um

assunto sério. Tens que ser duro com eles desde o primeiro instante. Tens que os castigar ferozmente por cada erro que cometam, por mais pequeno que seja. Tens que ser tão cruel e maldoso como puderes, porque, se não fores, vais deixá-los mal preparados para quando tiverem mesmo que enfrentar o inimigo. — Macro encarou-o, para garantir que as suas palavras penetravam na mente do jovem. Depois sorriu. — Além disso, não queres que te chamem um maricas por trás das tuas costas, pois não?

— Não, provavelmente não.

— É assim mesmo. Sempre decidido. Bom, amanhã começamos o treino com armas. Encarrega-te disso. Tenho que tratar dumas papeladas que se estão a atrasar. Comandar a porra duma guarnição é uma trabalhadeira do caraças. Tenho que arranjar lugar e provisões para os meninos do Vérica. Vou-lhes distribuir tendas. Podem instalá-las do lado de dentro dos baluartes. E a seguir tenho que verificar o inventário, antes de começar a distribuir túnicas e botas aos nativos. Senão, algum cabrão do quartel-general imperial há-de-me fazer pagar pelas discrepâncias. Filhos da puta de controladores.

Os olhos de Cato brilharam quando lhe ocorreu um pensamento óbvio.

— Não prefere que eu me encarregue do inventário? Pode ficar com o treino de espada.

— Não! Porra, Cato, agora és um centurião, age como tal. Além disso, tu sabes alguma coisa do linguarejar deles. Amanhã, vais ter com eles e pô-los a treinar no duro. Podes ver se arranjas uns tipos para te ajudar, mas de resto, estás por tua conta, miúdo... Bom, vou-me deitar. Fazias bem em descansar um bocado, também.

— Sim, assim que acabar de comer.

Ao ficar sozinho na mesa, Cato olhou para a comida; o seu apetite desaparecera. No dia seguinte teria que enfrentar mil homens e mostrar-lhes como combater com a espada curta das legiões. Mil homens; alguns muito mais velhos do que ele, muitos com muito maior experiência de combate do que ele, provavelmente nenhum com vontade de aceitar de bom grado ordens de um centurião que não o era há mais de dois meses, e que só há pouco tinha atingido a idade em que podia ser legalmente considerado um homem. Sentir-se-ia uma fraude, já sabia, e temia que a maior parte dos homens na parada o desmascarassem em poucos instantes.

E depois, havia ainda o facto de que os últimos três dias o tinham deixado de rastos. Dois meses de convalescença tinham-no deixado muito fraco. Tinha horríveis dores lombares, e começava a desconfiar de que não seria o exercício, por muito que fizesse, que o deixaria mais confortável.



VII

Cato aclarou a garganta e encarou os voluntários. À sua frente, a um dos lados da parada, estavam cem Atrébatas, formados em silêncio, como lhes tinha sido ensinado. Dez homens da guarnição, seleccionados pela sua perícia com as armas, e nomeados instrutores por Cato, vigiavam a formação. Quando estes cem nativos tivessem terminado o treino matinal seriam encarregados de transmitir os seus conhecimentos ao resto dos recrutas. Era a forma mais prática de ensinar os rudimentos do manejo de armas quando só havia um tradutor. Cato virou-se para ele.

— Pronto?

Tincómio assentiu, e preparou-se para traduzir.

— Hoje vão conhecer o gládio, a espada curta que é utilizada pelas legiões. Para alguns, é a nossa arma secreta. Mas uma arma começa por ser apenas uma ferramenta como outra qualquer. E o que distingue uma ferramenta de uma arma é o homem que a empunha. Esta espada curta, por si só, não é mais nem menos letal que outra espada qualquer. Aliás, se não for usada como deve ser, não está à altura de uma espada de cavalaria, ou das longas espadas que vocês, Celtas, preferem utilizar. Quando em combate singular, falta-lhe alcance; mas, numa batalha em formação, não há melhor arma que um homem possa desejar.

Cato procurou a sua própria espada, e lembrou-se mesmo a tempo de que já não a usava à direita, como fizera quando era optio. Com um sorriso, segurou o punho de marfim e extraiu-a da bainha, elevando-a no ar, para que todos a pudessem apreciar.

— A característica mais óbvia desta espada é a ponta em cunha. Foi pensada para um tipo particular de golpe — a estocada. A partir deste momento, não se esqueçam desta regra: alguns centímetros de ponta são muito mais mortais do que qualquer extensão de gume. Digo-vos isto por experiência pessoal, e muito feliz por o fazer. Há alguns meses, um tipo aplicou-me um golpe com uma arma que só tinha gume. Ele está morto, e eu ainda aqui estou.

Fez uma pausa para que a história penetrasse bem fundo nas mentes dos recrutas e, enquanto escutava a tradução de Tincómio, veio-lhe à lembrança o ataque do druida em todos os detalhes, incluindo a horrível dor que sentira quando a foice rompera por entre as suas costelas. Sentiu-se, mais do que nunca, uma fraude. Se aqueles tolos imaginassem o terror que sentira... Cerrou os dentes perante a memória, e tentou afastá-la da mente. No fim de contas, o druida tinha ido ao encontro dos seus tenebrosos deuses, e ele estava vivo. Se o outro tivesse utilizado uma arma pontiaguda, as coisas podiam ter sido diferentes.

Entretanto Tincómio terminara, e esperava que Cato continuasse.

— Pode não parecer nada de espectacular, mas quando lutamos em formação cerrada, quando o nosso escudo está a pressionar o corpo do inimigo, quando a franha dele está a centímetros da nossa cara, nessa altura o real valor desta espada vem ao de cima. Oçam atentamente o que vos disserem os instrutores, aprendam a usar a espada como nós, e depressa os cabrões dos Durotriges não serão mais do que a memória de uma praga esmagada.

Um onda de entusiasmo assinalou a tradução do último comentário, e Cato soube deixá-la prolongar-se o tempo adequado, antes de levantar a mão a pedir silêncio.

— Bem sei que estão ansiosos por começar, mas antes de lhes ser permitido empunhar uma espada das legiões, têm que treinar os movimentos básicos, tal e qual como nós, legionários, fizemos. Quando em combate, têm que estar confiantes nas vossas capacidades de utilização da arma, e não podem cansar-se muito depressa. Por isso, vão começar o vosso treino com estas...

Cato aproximou-se de uma carroça e afastou a cobertura de couro. Lá dentro estavam feixes de bastões, do comprimento aproximado de um gládio, mas mais pesados e grossos. Essa diferença era deliberada. Todo o equipamento de treino utilizado nas legiões tinha como objectivo o desenvolvimento da técnica, mas também da força. Se e quando os recrutas Bretões fossem equipados com espadas verdadeiras, ficariam surpreendidos com a facilidade com que as usavam. Cato pegou num dos bastões curtos e levantou-o, para que os voluntários o apreciassem. Um gemido de desapontamento espalhou-se pelas fileiras, precisamente como o centurião esperava, e ele sorriu. Também já tinha experimentado aquele sentimento.

— Sim, não é grande coisa que se veja, mas asseguro-vos que estar do lado errado deste bastão também custa. Já chega. Sentido!

Virou-se para o pequeno grupo de legionários que assistiam à cena apoiados à parede da caserna mais próxima.

— Fígulo! Tu e o resto dos instrutores, para aqui!

Os legionários apressaram-se a obedecer, e cada um recolheu os maços de armas suficientes para cinco pares de recrutas. Fígulo, um gigante narbonense, tinha sido designado optio por Cato.

— Por hoje, dêem só as noções básicas. — Lembrou-lhes Cato. — Bloqueio, defesa, estocada e avanço, e chega por agora.

Os legionários dirigiram-se às secções que lhes tinham sido atribuídas e distribuíram as armas. Enquanto Fígulo e os outros mostravam aos recrutas as posições que deviam assumir, Tincómio acompanhou Cato numa ronda pelos grupos, traduzindo sempre que necessário. Os Bretões foram colocados numa linha e imitaram tão bem quanto conseguiam as acções dos legionários. Como sempre num período de treino, a manhã foi interrompida por gritos de raiva e frustração dos instrutores, enquanto alternavam entre elogios e insultos aos homens que tinham a seu cargo. Lembrando-se do conselho que Macro lhe dera na noite anterior, Cato obrigou-se a manter-se à parte, embora esperasse que a sua presença impedisse os instrutores de serem demasiado ríspidos.

Um repentino grito de dor atraiu Cato e Tincómio a um dos grupos. O instrutor estava de pé sobre uma figura caída, e batia-lhe nas costas, enquanto o centurião furava pelo meio do grupo de Atrébates para ver melhor o que se passava.

— Porra, o que é que tu não percebes? — Grunhia o instrutor. — Não posso fazer isto mais simples, meu estupor! Bloqueio, defesa, estocada, avanço! Não inventes, meu cabrão!

— O que se passa aqui?

O instrutor colocou-se em sentido.

— Este imbecil está-se a armar em parvo, senhor. Finge que não se consegue lembrar da merda de quatro simples passos.

— Estou a ver. — Cato assentiu, e olhou para o homem encolhido no chão. Este rodou lentamente a cabeça e sorriu para o centurião.

— Oh, não! Tu outra vez. Como te chamas? — Perguntou Cato em céltico.

— Bedríaco.

— Bedríaco? Trata-me por “senhor”.

O homem sorriu de novo, pondo em evidência uma linha de dentes estragados. Fez que sim com a cabeça, e apontou o dedo ao seu próprio peito.

— Bedríaco, senhor! Bedríaco, senhor!

— Sim, obrigado. Já todos percebemos. — Cato devolveu o sorriso, e depois virou-se para Tincómio. — Sabes alguma coisa sobre ele?

— Oh, sim. É um caçador. Perdeu a família toda numa sortida dos Durotriges. Foi encontrado ferido, meio-morto.

— Com meio cérebro, pelo que parece. — Resmungou o instrutor.

— Basta! — Cortou Cato. Deu um toque a Tincómio. — Não tenho a certeza de que o possamos utilizar.

— Ele é bom. Especialmente com uma faca. Ontem vi-o a derrubar dois dos nossos guerreiros.

— A força não é tudo.

— Não, não, de facto não é. Mas este tipo quer vingança. E merece-a.

Cato assentiu, compreendendo a situação. O desejo de vingança era uma motivação tão boa como outra qualquer, e o centurião tinha visto o suficiente do trabalho sanguíneo dos Durotriges e dos seus druidas para ser capaz de sentir simpatia pelas suas vítimas.

— Está bem. Ficamos com ele, se ele conseguir aprender. Instrutor!

— Senhor!

— Podes prosseguir, Mário.

De repente, Cato apercebeu-se de uma confusão junto aos portões do depósito, e virou-se para ver melhor. Um grupo de cavaleiros tinha entrado, e dirigia-se a trote para a parada. Pareciam locais, mas Cato só conseguiu reconhecer um rosto.

— Vérica. O que vem ele cá fazer?

— Veio ver como está a decorrer o treino. — Retorquiu Tincómio.

Cato lançou-lhe um olhar gelado.

— Bom, obrigado pelo aviso.

— Desculpe. Ele falou nisso ontem à noite. Lembrei-me agora.

— Pois... — Cato deu um murro amigável no ombro do outro. — Vamos lá.

Deixaram os grupos de instrução e foram ao encontro do rei dos Atrébates e do seu séquito. Vérica deteve o cavalo e desmontou lentamente, antes de saudar o seu sobrinho e Cato. Tincómio olhou para o tio com aparente preocupação.

— Está tudo bem, rapaz. Estou um bocado empedernido, é tudo. Acontece, na minha idade. — O rei sorriu. — E então, centurião Cato, como é que vai o meu exército?... O que diabo estão eles a fazer com aqueles pauzinhos? Onde é que estão as armas?

Cato tinha previsto a pergunta, e tinha a resposta pronta:

— Estão a treinar, sire. Ser-lhes-ão distribuídas armas verdadeiras assim que estiverem em condições de as receber.

— Oh? — O desapontamento do ancião era claro. — E quando é que isso vai acontecer?

— Dentro de pouco tempo, sire. Os vossos súbditos aprendem depressa.

— Podemos observar o treino?

— Claro, sire. Será uma honra. Se fizer a gentileza de me seguir...?

Vérica acenou aos membros do séquito, que obedientemente desmontaram e se dirigiram lentamente até junto do rei.

Cato inclinou-se para Tincómio e sussurrou:

— Faz o que quiseres, mas mantém-no longe daquele grupo do Bedríaco.

— Claro.

Vérica percorreu lentamente a parada, aparentemente interessado nos gestos de treino, parando de vez em quando para tecer um comentário ou fazer uma pergunta a Cato. Ao regressarem para junto do primeiro grupo, um dos acompanhantes de Vérica, um homem de cabelo escuro e de tronco nu debaixo da capa, tirou o bastão de treino a um dos recrutas. O instrutor preparava-se para protestar quando se apercebeu do aviso de Cato, que meneava lentamente a cabeça. O sujeito do cabelo escuro observou o bastão com uma expressão de desdém, e soltou uma gargalhada.

— Quem é aquele? — Perguntou Cato a Tincómio, num murmúrio.

— Artax. Outro dos sobrinhos do rei.

— Uma família numerosa, não?

— Nem imagina. — Suspirou Tincómio, enquanto Artax se dirigia a Cato:

— Porque é que os nossos guerreiros são obrigados a entreterem-se com brinquedos, quando se deviam estar a preparar para destruir os nossos inimigos?

Artax aproximou-se mais e atirou o bastão aos pés do centurião, com o escárnio bem evidente no rosto. Cato manteve-se sem expressão enquanto o outro o olhava de alto a baixo, e continuava a manifestar o seu desprezo em palavras:

— Não é de admirar que os Romanos dêem brinquedos aos homens, quando os oficiais pouco passam de crianças.

Cato sentiu o pulso a acelerar, e não conseguiu evitar um sorriso, ao responder:

— Gostaria então de ver do que és capaz com esse brinquedo, se fores homem para isso.

Artax riu, e avançou com a intenção de atingir o ombro de Cato. Mas este foi mais rápido e, dando um passo atrás, desapertou a capa escarlate que envergava e entregou-a a Tincómio. Então abaixou-se, apanhou a espada de treino e empunhou-a da forma adequada. De novo a expressão de Artax se encheu de desprezo; também ele tirou a capa, e tirou outro bastão das mãos do recruta mais próximo. Em volta dos dois homens todos se afastaram, para lhes dar espaço, e Cato agachou-se, pronto para a luta.

Artax lançou-se imediatamente sobre ele, com um grito selvagem, tentando atingi-lo com uma série de golpes dirigidos à cabeça. Os Atrébates depressa começaram a incentivar Artax com gritos e aplausos, enquanto este forçava Cato a recuar passo a passo. O centurião aparava os golpes friamente, cerrando os dentes de cada vez que um impacto se transmitia ao longo do seu braço. Então, depois de avaliar a velocidade de reacção do oponente, Cato esperou que Artax erguesse o braço para desencadear uma nova série de golpes. Nesse momento, fingiu que lhe ia atacar a garganta. O Bretão lançou a cabeça para trás, expondo o peito. Então, Cato baixou a ponta do bastão e atingiu-lhe em cheio o estômago. Havia músculos sólidos naquela barriga peluda, mas ainda assim Artax não pôde evitar um urro de dor, e cambaleou, afastando-se do Romano.

O Centurião baixou o braço, tendo demonstrado o que pretendia e dando por terminada a contenda. Mas o adversário não era da mesma opinião. Com um rugido de raiva, Artax voltou a lançar-se sobre Cato, brandindo ferozmente a arma. O jovem apercebeu-se de que o outro tinha por objectivo magoá-lo seriamente. E todos em volta o compreenderam também. Mais uma vez, os Atrébates fizeram ouvir o seu apoio a Artax, enquanto os instrutores gritavam avisos e encorajamentos a Cato. A um dos lados, Vérica e Tincómio observavam em silêncio.

O distinto som do choque da madeira encheu os ouvidos de Cato, e de repente sentiu uma dor aguda no peito, já que Artax tinha conseguido transpor as suas defesas e o atingira na região da antiga ferida. Arfou, dando um passo atrás e evitando à justa o golpe seguinte. Artax deteve-se, e rodou ligeiramente para se vangloriar e apreciar o aplauso dos seus conterrâneos. Cato respirava em curtas e rápidas golfadas; a dor era tão lancinante que lhe era impossível respirar mais profundamente. Apercebeu-se da festa que os Atrébates estavam a fazer, e compreendeu que tinha cometido um erro. Tinha permitido que o seu orgulho pusesse em causa o treino dos homens. Se desistisse naquele momento, se abandonasse o combate, nunca mais eles teriam fé na maneira romana de fazer a guerra. E sem o treino adequado, nunca teriam qualquer hipótese contra os Durotriges. A dor que sentia aumentava a cada segundo. Tinha que arriscar e pôr termo à luta rapidamente, fosse como fosse.

— Artax!

O príncipe Bretão virou-se para ele com a surpresa estampada no rosto, ao vê-lo a convidá-lo para que se aproximasse. Encolheu os ombros e avançou. Mas desta vez foi Cato quem atacou, por baixo e em velocidade, apanhando-o de surpresa. Ele recuou, tentando desesperadamente atingir a arma do Romano, que continuava a lançar estocadas violentas. Cato ensaiou então uma finta que baralhou o ritmo do oponente. Voltou a atingi-lo

no estômago. Depois nas costelas, e logo em seguida no nariz. O sangue jorrou, e Artax fechou os olhos, tentando absorver a dor. Cato lançou um derradeiro golpe contra as virilhas do adversário, e Artax rolou pelo chão gemendo de dor.

Os Atrébates estavam agora em silêncio, surpresos com a reviravolta súbita. Cato estava de pé, e afastou-se do adversário derrubado. Olhou para os nativos, e ergueu o bastão.

— Lembrem-se daquilo que vos disse: alguns centímetros de ponta são mais perigosos que todo o gume que quiserem. E aqui está a prova. — Apontou para Artax, que ainda se contorcia no solo.

Decorreu um desconfortável momento de silêncio, mas então um dos guerreiros Atrébates ergueu o seu bastão e saudou Cato. Um outro lançou um viva, e depressa todos os recrutas celebravam a sua vitória. Cato encarou-os de forma desafiadora, a princípio, mas depois deixou que um sorriso lhe moldasse o rosto. A lição estava percebida. Deixou que a animação prosseguisse ainda mais uns instantes, e depois fez sinal com a mão para que se acalmassem.

— Instrutores! De volta ao trabalho!

Enquanto os Atrébates dispersavam e regressavam ao treino em grupos, dois dos elementos do séquito real pegaram em Artax, colocaram-no em cima do cavalo e seguraram-no enquanto esperavam que Vérica montasse. O rei aproximou o cavalo de Cato e sorriu-lhe.

— Os meus agradecimentos, centurião. Foi muito... educativo. Tenho a certeza de que os meus homens estão em boas mãos. Avise-me se precisar de alguma coisa.

Cato inclinou a cabeça.

— Muito obrigado, sire.



VIII

Nos dias que se seguiram, todas as manhãs os recrutas receberam treino básico de espada. Cato tinha ordenado que fossem erigidos uma série de postes grossos num dos lados da parada, e os bretões praticavam as estocadas contra estes alvos, produzindo um ruído monótono que ecoava por todo o depósito. Os recrutas mais avançados praticavam aos pares, aprendendo as sequências correctas de ataque e defesa para situações de combate singular.

Sempre com Tincómio ao lado, Cato fazia rondas pelos grupos de instrução, para avaliar os progressos e para ir conhecendo os homens. Com a ajuda do nobre Atrébate, começava a entender o dialecto local, e apercebia-se com alegria de que não era assim tão diferente do pouco que aprendera do dialecto Iceno, uns meses antes. Os recrutas, pelo seu lado, e à excepção de Bedriaco, já respondiam rapidamente a palavras de comando em Latim. Tinha sido uma exigência de Macro, pois em face do inimigo não haveria tempo para traduções.

Quanto mais observava Bedriaco, mais desesperado se sentia Cato. Se não conseguisse apreender os passos mais básicos da vida militar, o homem seria muito mais um risco que uma ajuda para os seus camaradas. Porém, Tincómio insistia em que o caçador ainda haveria de mostrar o seu valor.

— Nunca o viu em acção, Cato. Não há nada que se mova no solo que ele não consiga seguir. E é letal com uma faca.

— Pode ser, mas se não conseguir aprender a manter a formação e a atacar no momento certo, não temos lugar para ele. Vamos enfrentar homens, e não bestas do mato.

Tincómio encolheu os ombros.

— Há quem diga que os Durotriges são piores do que as feras. Já viu como eles tratam o nosso povo.

— Sim. — Respondeu Cato sombriamente. — Sim, já vi... Foi sempre assim?

— Só desde que se deixaram cair sob a influência dos druidas. A partir desse momento, isolaram-se a pouco e pouco das outras tribos. A única razão para lutarem ao lado de Carátaco é que odeiam Roma acima de tudo. Se as legiões deixassem a Britânia, atiravam-se aos vizinhos antes que as vossas velas desaparecessem no horizonte.

— Se saíssemos da Britânia? — O pensamento divertiu Cato. — Achas que há alguma possibilidade de isso vir a acontecer?

— É na poeira que o futuro está escrito, Cato. A mais leve brisa pode alterá-lo.

— Isso é muito poético. — Cato sorriu. — Mas o futuro de Roma está gravado em pedra.

A réplica fez com que Tincómio sorrisse por sua vez, mas depois continuou de forma séria.

— Vocês, Romanos, vêem-se mesmo como uma raça predestinada, não é?

— É assim que somos educados, desde que nascemos, e a história ainda não o desdisse.

— Alguns poderiam chamar a isso arrogância.

— Talvez; mas não teriam oportunidade de o repetir.

Tincómio lançou a Cato um olhar interrogador.

— E é nisso que acredita?

Cato encolheu os ombros.

— Não tenho certezas quanto ao destino. Nunca tive. Tudo o que se passa no mundo se deve às acções dos homens. Os mais sábios tentam moldar o seu próprio destino, pelo menos naquilo que está ao seu alcance. Tudo o resto é apenas acaso.

— Estranha visão do mundo. — Tincómio franziu o sobrolho. — Para nós, são os espíritos e os deuses que governam a nossa vida, em todos os aspectos. Vocês têm também muitos deuses. Acredita com certeza neles?

— Deuses? — As sobrancelhas de Cato arregalaram-se. — Roma parece inventar um novo deus todos os dias. Parece que não podemos estar satisfeitos se não tivermos algo de novo em que acreditar.

— É um homem estranho, Cato.

— Só um segundo. — Cato interrompeu a conversa. Estava a observar um guerreiro Atrébate particularmente bem constituído, o corpo coberto de tatuagens, que lançava o seu grito de guerra enquanto ia estraçalhando a sua arma de treino contra um poste. — Tu! Tu aí! Pára!

O guerreiro imobilizou-se, a respiração pesada, enquanto Cato agarava num bastão de treino e se aproximava.

— É suposto dares estocadas, isto não é nenhuma porra de nenhum machado.

Demonstrou mais uma vez os golpes recomendados, e atirou o bastão ao guerreiro, que sacudiu a cabeça e falou em tom zangado:

— Não há dignidade nessa forma de combate!

— Não há dignidade? — Cato forçou-se a reprimir o riso que lhe nascera na garganta. — Mas que porra de dignidade há numa luta? Quero lá saber se ficas bem ou mal visto, só quero é que mates o inimigo.

— Eu combato a cavalo, não a pé! — Cuspiu o guerreiro. — Não fui criado para lutar ao lado de camponeses e lavradores.

— Ah, sim? — Cato virou-se para Tincómio. — O que é que este tem de especial?

— É da casta dos guerreiros, e foi educado como cavaleiro. São muito sensíveis a esse respeito.

— Estou a ver. — Cato reflectiu na questão, lembrando-se do enorme respeito que a cavalaria celta granjeara junto das legiões. — Há mais do género deste a treinar aqui connosco?

— Há. Para aí umas dúzias.

— Bom, vou pensar no assunto. Era capaz de dar jeito ter connosco alguns batedores montados, quando começarmos a caçar Durotriges.

— Sa! — Foi a resposta do guerreiro, que fez um gesto com o dedo a atravessar a garganta, com um sorriso macabro.

Nesse instante Cato reparou noutro homem do grupo, e estacou. Fitando-o com ar de poucos amigos, no meio das filas de recrutas, encontrava-se Artax. O rosto estava coberto de manchas negras e púrpura, e o nariz — partido — estava inchado.

— Tincómio, o que está ele a fazer aqui?

— O Artax? A treinar, como os outros. Juntou-se a nós esta manhã. Quer realmente aprender a forma de combate dos romanos. Parece que a lição que lhe deu teve um forte impacto.

— Muito engraçada, essa.

Cato olhou para o outro durante algum tempo, e Artax respondeu ao olhar, os lábios cerrados numa linha fina. O centurião não tinha a certeza se seria boa ideia ter ao lado um tipo que ele tinha humilhado de forma tão pública. Tinha que haver algum ressentimento a residir no peito do orgulhoso e arrogante bretão. Mas, para já, seria boa política deixar que o homem, do sangue de Vérica, se mantivesse como membro da coorte. E, de qualquer maneira, se ele tinha sido voluntário, talvez existisse um outro lado na sua personalidade. Talvez albergasse o desejo de se redimir e recuperar o orgulho perdido. Talvez, reflectiu Cato. Mas, pelo sim pelo não, era melhor mantê-lo debaixo de olho, pelo menos por uns tempos.



À tarde era Macro quem se encarregava dos treinos, e ensinava aos recrutas as manobras fundamentais dos movimentos de conjunto. Como sempre, era complicado fazer com que pés não acostumados a tal se movessem em uníssono, mas ao fim de uma semana os bretões também já eram capazes de marchar, fazer alto, volver, e dar meia-volta com a confusão reduzida ao mínimo.

O dia de treinos terminava sempre com uma marcha rápida em redor de Caleba, uma vez e outra, até ao anoitecer. Depois os homens eram de novo conduzidos ao depósito e, secção por secção, recebiam as rações, que tinham ainda que cozinhar. Para os nativos, a parte mais difícil desta estrita rotina era o fim precoce que eram obrigados a dar às suas noites. Quando a trombeta dava o sinal para o início do segundo turno de sentinelas, os instrutores percorriam as linhas de tendas, acima e abaixo, berrando aos homens para que se recolhessem e dormissem, e entornando as panelas por cima das fogueiras que não fossem rapidamente extintas. Não sobrava nada das noites de bebedeira, de histórias contadas em altos berros e de anedotas de mau gosto que eram uma parte tão importante do modo de vida celta. Homens em regime de treino apertado precisavam de descanso, e Macro recusara-se a ceder um milímetro quando Tincómio o tinha abordado com as pretensões de inúmeros guerreiros, que a ele se tinham queixado amargamente.

— Não! — Fora a resposta firme de Macro. — Amolecemos agora, e lá se vai a disciplina por água abaixo. É duro, mas não mais do que o necessário. Se eles se queixam por estarem a ser mandados para a cama, então é porque não estão suficientemente cansados. Amanhã, o treino acaba com uma corrida à volta de Caleba, em vez de uma marcha. Isso deve chegar.

E chegou, mas Cato continuou a notar a existência de um ressentimento surdo nas faces dos homens que encontrava todas as manhãs. Faltava qualquer coisa. Havia uma vaga impressão de desprendimento, de falta de coesão nas duas coortes. Levantou o assunto com Macro e Tincómio, uma noite no fim da primeira semana de treino, quando os três se encontravam nos aposentos do centurião mais velho.

— Há algo que não estamos a fazer como deve ser.

— O que é que queres dizer com isso? — Resmungou Macro. — Tudo corre bem.

— Disseram-nos para treinar duas coortes, e fizemo-lo, tão bem como nos foi possível. Mas os homens precisam de mais qualquer coisa.

— Qual coisa?

— Já viu como eles são. Interessados em aprender a usar as nossas armas, e em manobrar como nós. Mas não têm consciência de fazerem par-

te de uma unidade militar. Nós temos as legiões, os estandartes, as nossas tradições. Eles não têm nada disso.

— O que é que sugeres? — Macro fez uma careta. — Que lhes demos uma águia, para que a sigam?

— Sim. Algo do género. Um estandarte. Um para cada coorte. Vai dar-lhes espírito competitivo, vai dar-lhes identidade.

— Pode ser. — Concedeu Macro. — Mas nem pensar numa águia. Isso é só para as legiões. Tem que ser outra coisa.

— Sim, com certeza. — Cato acenou na direcção de Tincómio. — Que é que tu sugeres? Há alguns animais que sejam sagrados para a tua tribo?

— Uma data deles. — O bretão começou a contar pelos dedos. — Coruja, lobo, raposa, javali, lúcio, arminho.

— Arminho? — Macro desatou a rir. — O que raio há de sagrado num arminho?

— O arminho — ágil e veloz, rei dos rios até à foz. — Entoou Tincómio.

— Oh, fantástico. Já estou a ver: Primeira Coorte dos Arminhos Atrébates. O inimigo há-de-se mijar a rir.

Tincómio corou.

— Está bem, então não usamos o arminho. — Interrompeu Cato, antes que Macro fizesse mais estragos na sensibilidade do Atrébate. — Gosto da ideia do lobo e do javali. Dá uma boa noção de perigo e ferocidade. Tincómio, o que achas?

— Os Lobos e os Javalis... soa bem.

— Macro?

— Está bom.

— Óptimo, então, vou ver se se arranjam uns estandartes ainda esta noite. Com a sua permissão, claro.

Macro assentiu.

— Concordo, sim.

Ouviram-se passos no corredor, e alguém bateu à porta.

— Entre!

Um escrivão surgiu sob o clarão das lâmpadas de óleo. Trazia na mão um rolo lacrado.

— O que é?

— Uma mensagem do general, senhor. O correio chegou agora mesmo.

— Dá cá! — Macro pegou no rolo, quebrou o selo e percorreu a mensagem com o olhar, enquanto os seus companheiros esperavam em silêncio. Apesar de saber ler, fazê-lo era ainda assim um esforço considerável, e foi preciso um momento para que o conteúdo do despacho do general lhe

penetrasse no cérebro, já que vinha embrulhado na floreada e desnecessária linguagem usada por oficiais com demasiado tempo livre.

— Bom — acabou por dizer —, para lá de umas quantas reservas sobre o tipo de operações que poderemos conduzir, e avisos sobre o número de homens que armamos, parece que o general nos dá licença para equiparmos os, hã, os Lobos e os Javalis.



IX

A cerca de cinquenta quilómetros a oeste de Caleba, Vespasiano olhava para o fumo que volteava sobre a crista da elevação próxima. O forte, com pouco mais de duzentos passos de largura, era o mais pequeno dos que a legião tinha arrasado até àquele momento. Mas os construtores tinham escolhido bem o local: uma colina escarpada, encravada na curva de um rio com uma corrente poderosa. Os flancos expostos da colina tinham estado bem fortificados, com fossas e montículos, paliçadas espessas e uma gama de obstáculos anti-pessoais muito inventiva, embora alguns fossem evidentes cópias de originais romanos, e não muito bem conseguidas. Bom, podiam não ser muito fiéis aos originais, mas tinham infligido algumas feridas bem graves aos mais incautos dos legionários que tinham assaltado os baluartes por volta do meio-dia.

Uma fila contínua de baixas passava pelo legado, a caminho da enfermaria, no interior do campo provisório da Segunda Legião: homens com os pés estropiados e sangrentos, a quem as pontas afiadas escondidas por baixo do mato tinham penetrado as solas; outros com feridas perfurantes, por terem sido empurrados contra pontas aceradas pelos camaradas que os seguiam e não viam as armadilhas. E havia também homens feridos pelos projecteis que tinham chovido sobre os atacantes, lançados pelos aguerridos defensores dos portões; homens atingidos por tudo, de lanças a setas, a pedras, velhas sertãs, ossos de animais e cacos de loiça. Por fim, havia os que tinham sofrido ferimentos quando se tinha dado o contacto entre os legionários e os inimigos. Esses apresentavam os habituais buracos, golpes e esmagamentos produzidos por lanças, espadas e maças.

Tinham passado apenas dois dias desde que a legião tinha estabelecido um campo a curta distância do fosso exterior, e já havia oitenta baixas — o equivalente a toda uma centúria. A conta final, sabia Vespasiano, estaria à sua espera sobre a secretária, na sua tenda. Por isso se mostrava relutante em abandonar o espectáculo do forte em chamas. Se os Durotriges

continuassem a delapidar as suas forças àquele ritmo, daí a pouco a legião não teria poder suficiente para continuar uma campanha independente do corpo principal do exército do General Pláucio. Seria um golpe amargo para Vespasiano, que contava com esta oportunidade para fazer nome antes de terminar o seu período de serviço na legião. Se queria uma carreira política quando regressasse a Roma, precisava de um bom passado militar. A sua família era ainda demasiado recente entre a classe senatorial para que ele pudesse beneficiar da rede de favores que amparava todos os que tinham uma linhagem aristocrática bem estabelecida. Vespasiano enfurecia-se com regularidade ao ver como homens muito menos capazes do que ele recebiam cargos de maior responsabilidade bem mais cedo nas suas carreiras. Não era apenas injusto, incitou-se a prosseguir, obviamente não era eficiente e conduziria ao desastre. Para o bem de Roma, e do seu destino abençoado pelos deuses, o sistema teria que mudar...

Este forte era o sétimo povoado que a sua legião tomara e saqueara. Este tinha levado apenas dois dias a conquistar, mas havia alguns aspectos da operação que podiam ser melhorados, estava seguro disso. Um punhado de inimigos tinha conseguido escapular-se por entre as linhas romanas na primeira noite de cerco, depois da legião ter acampado em frente ao forte. Fora deplorável, e o optio que comandava as sentinelas tinha sido despromovido. Para a próxima, decidiu o legado com firmeza, colocaria paliçadas nas linhas de fuga prováveis.

E depois tinha havido um número limitado de munições para a barragem de artilharia que deveria ter desmoralizado os defensores e destruído a paliçada. Embora tivessem conseguido danificar as defesas junto ao portão principal, e eliminar um bom número de guerreiros inimigos, as catapultas e balistas não tinham conseguido criar brechas suficientemente grandes. Quando a Primeira Coorte se tinha lançado ao assalto, tinha encontrado uma resistência muito mais determinada do que esperava. Para a próxima, a legião esperaria até que a artilharia conseguisse produzir o tipo de barragem que quebrava a vontade de resistir do inimigo, decidiu também Vespasiano.

Sentia-se culpado por ter apressado o assalto, e era suficientemente honesto para admitir que a verdadeira razão por trás da ordem de ataque era a sua ambição de conseguir um grande número de vitórias. E os homens tinham pago a sua ambição com sangue. O legado tentou evitar a auto-crítica dirigindo os pensamentos para um outro problema, ainda relacionado com a questão. Os Durotriges tinham sido tão fanáticos na luta final como tinham sido na preparação das defesas. Em resultado desse facto, não tinha havido sobreviventes quando os raivosos legionários tinham finalmente irrompido pelo portão e se tinham espalhado pelo interior do

forte. Todos os homens, mulheres e crianças tinham sido passados a fio de espada.

Uma perda terrível, reflectiu Vespasiano. Para a próxima, teria que insistir em que fossem capturados com vida o maior número de inimigos possível. Um celta em boas condições físicas valia no momento um bom preço em Roma, já que estava na moda, entre aqueles que tinham mais dinheiro que gosto, possuir escravos bárbaros. O quinhão de Vespasiano valer-lhe-ia uma pequena fortuna. Tal como aos seus homens, se conseguissem resistir à sede de sangue o suficiente para se aperceberem de que os prazeres da violação e da pilhagem passavam depressa, enquanto que os lucros do negócio de escravos lhes dariam um excelente complemento aos fundos para a reforma. Teriam que ser dadas ordens aos centuriões para que acalmassem os homens quando a legião tomasse o próximo forte, resolveu. Não haveria mais desperdício de vidas valiosas, romanas ou bretãs.

Só as ovelhas, o gado bovino e alguns porcos tinham resistido com vida ao assalto romano. Estavam agora a ser conduzidos para o campo romano, pela encosta abaixo. Os animais não sobreviveriam aos seus anteriores proprietários muito mais tempo, e os legionários deliciar-se-iam de novo com carne fresca, assada nas fogueiras. Vespasiano estava contente com este suplemento às provisões. Porém, a legião iria em breve enfrentar uma cadeia de fortes muito maiores, e mais uma vez ficaria dependente de um fluxo regular de abastecimentos do depósito de Caleba.

E era aí que estava a maior dificuldade. As colunas rápidas que Carátaco enviava para atacar as linhas de abastecimento romanas podiam acabar por forçar os homens de Vespasiano a viverem do que conseguissem apanhar. Pior ainda, faltaria o equipamento de substituição para as armas perdidas em combate, e para o material desgastado. Tudo dependia do rei Atrébate manter a aliança com Roma, e garantir passagem segura às colunas de abastecimento que atravessavam o seu território. A constituição das duas coortes nativas talvez aliviasse a pressão, e levantasse algum do peso da ansiedade que pesava sobre os ombros de Vespasiano. O legado estava seguro de que podia confiar no centurião Macro — e no centurião Cato, já agora — para desempenhar aquela tarefa a contento.

Vespasiano sorriu ao recordar o momento em que informara o jovem da sua promoção, meses atrás. Cato jazia numa cama de hospital, no depósito, em Caleba. Mal tinha conseguido suster as lágrimas de orgulho. Cato prometia muito, e já justificara vezes sem conta a avaliação que o legado dele fazia. Devia ser interessante ver como se estava a sair o jovem perante as suas novas responsabilidades, pensou Vespasiano. Ainda nem tinha vinte anos, e quando regressasse ao seio da Segunda Legião ia enfrentar uma das mais duras experiências que se podiam apresentar a um homem,

quando tomasse posse do seu primeiro comando e dos oitenta homens que o constituiriam.

Vespasiano lembrava-se bem da dolorosa presunção com que se tinha dirigido à pequena patrulha que liderara ao ser nomeado tribuno, há quase catorze anos atrás. Os veteranos de ar duro tinham-no escutado sem comentários, mas não tinham escondido o desdém que sentiam pela sua falta de experiência. Pelo menos isso Cato tinha em abundância, o que lhe devia dar um suplemento de confiança. No curto período em que servira nas Águias, Cato já tinha visto mais combates do que muitos legionários viam em toda a carreira. E tinha tido a boa fortuna de ser iniciado na vida militar pelo centurião Macro. Tão duro e de confiança como Cato era inteligente e engenhoso; complementavam-se de forma excelente.

O legado não tinha dúvidas de que eles fariam um bom trabalho no treino dos homens de Vérica. Porém, gostaria muito de os ter de volta à Segunda legião. Quando eles estivessem completamente recuperados, e as linhas de abastecimento seguras, chamá-los-ia imediatamente. Uma legião era tão boa como os centuriões que a lideravam em combate. Vespasiano queria que a Segunda fosse boa — tão boa como ele conseguisse torná-la — e isso queria dizer que tinha que aproveitar ao máximo homens do calibre de Macro e Cato.

Uma gota de suor percorreu-lhe a pele sob a túnica de linho.

— Merda, está calor! — Resmungou.

Um dos tribunos do seu pessoal levantou a cabeça e olhou para ele, mas Vespasiano fez-lhe um gesto com a mão para que continuasse a trabalhar, como se afastasse uma mosca irritante.

— Não é nada... Talvez vá nadar um pouco, mais tarde.

Os dois homens olharam com ânsia ao longo da encosta na direcção do rio, umas centenas de metros distante. As formas claras de homens nus estendiam-se nas margens relvadas, enquanto outras andavam pela água ou nadavam, levantando salpicos brancos. Aqui e ali parecia que havia rápidos no rio, onde os mais exuberantes dos homens brincavam na água.

— Estava capaz de matar por um banho, senhor. — Disse o tribuno calmamente, enquanto limpava o suor da testa com as costas da mão.

— Alguns deles já o fizeram. Deixem-nos divertir-se. Mas há trabalho a fazer. — Vespasiano acenou na direcção das ruínas do forte. — Eles que continuem. Não quero ver nada de pé quando anoitecer. Nada que possa voltar a ser fortificado.

— Sim, senhor.

Apesar de já ser o fim da tarde, o sol continuava a assolar os legionários que trabalhavam na colina. Os poucos edifícios que tinham escapado incólumes aos projecteis incendiários das baterias de artilharia da Segunda

Legião tinham já sido ateados. Os centuriões organizavam agora grupos de homens para destruir a paliçada, e para atirar as madeiras para o fosso defensivo. Depressa o forte no alto da colina não passaria de umas estruturas de madeira enegrecida e fumegante e de uns anéis de buracos escavados na terra, elementos estranhos na paisagem natural. E, depois disso, seria apenas uma memória que se iria apagando nas mentes dos legionários que o tinham destruído, e dos nativos que por ali tinham alguma vez passado.

Vespasiano acenou, satisfeito com os progressos no desmantelamento das fortificações ainda existentes, e depois virou-se, dirigindo-se através do campo até ao seu quartel-general. Havia poucos homens por ali, já que os que não estavam de serviço se protegiam dos escaldantes raios do sol no interior das tendas que se estendiam em fileiras perfeitas de ambos os lados da alameda principal do campo. Mesmo com ambas as extremidades abertas, Vespasiano sabia que o interior das tendas de couro de cabra seria infernal. Por isso é que tinha dado permissão às coortes desactivadas para irem até ao rio — ao menos podiam sentir-se um pouco melhor. E os homens ficariam com certeza mais limpos. Para alguém que crescera habituado ao hábito romano de banhos frequentes, o cheiro permanente de homens sujos e a suar era quase insuportável. Portanto, qualquer ocasião para os homens se lavarem, e às suas roupas, não podia ser desperdiçada. Além disso, o médico-chefe da legião pedia-lhe constantemente que obrigasse os homens a adoptarem medidas higiénicas. Deviam lavar-se com frequência. Segundo Esclépio, isso contribuía para reduzir a lista de enfermos. Era de esperar, uma vez que o homem seguia a escola medicinal do oriente, com as suas práticas curiosas. Não que Vespasiano não tivesse nelas fé, mas, como a maior parte dos Romanos, ele acreditava que o Oriente era um foco de corrupção e um antro de gente demasiadamente bem instalada na vida e com atitudes efeminadas.

Os homens de guarda ao quartel-general mantinham-se rigidamente nos seus postos, com armaduras completas. Vespasiano perguntou-se como aguentariam eles o calor, e ao passar por eles e entrar na tenda viu que o suor lhes escorria livremente pelas faces. Lá dentro, a sombra não oferecia alívio do ar quente e parado do exterior; de facto, estava até muito mais quente. Vespasiano acenou ao seu criado.

— Quero água. Do rio. Assegura-te de que é captada a montante do campo. E quero uma túnica leve, a de seda. Depois, quero que levem a minha secretária lá para fora, e coloquem um toldo para a proteger do sol. E depressa.

— Sim, senhor.

Quando o homem saiu, Vespasiano manteve-se imóvel, enquanto o seu escravo pessoal desapertava as fivelas da armadura e retirava a placa

peitoral. Por baixo, a grossa túnica militar estava ensopada em suor e colava-se-lhe ao corpo, enquanto Vespasiano tentava tirá-la pela cabeça. Lá fora, ouvia a confusão gerada enquanto os homens cumpriam a sua ordem e montavam a mesa e o toldo. Havia demasiados assuntos a tratar, e abanou a cabeça quando o escravo lhe perguntou se desejava um banho.

— Traz-me só a túnica.

— Sim, meu senhor.

A seda sabia bem contra a pele — suave e fresca, perfumada com umas gotas do óleo de limão que a sua esposa lhe enviara de Roma. Depois de esfregar vigorosamente o cabelo suado com um pano de linho, Vespasiano saiu da tenda e sentou-se à secretária. Um escrívão sentava-se numa das pontas da mesa, preparado para tomar notas, e uma pilha arrumada de pergaminhos e tábuas de cera esperava pelo legado na outra ponta, ao lado de um jarro e de um copo. Vespasiano serviu-se de água e sorveu-a de uma vez, apreciando a sensação refrescante. Encheu outra vez o copo e, com um suspiro, começou a tratar da papelada do dia.

Em primeiro lugar, vinham listas de baixas e relatórios de efectivos das diferentes unidades. O número de doentes da Terceira Coorte parecia excessivo, e ele tomou uma nota numa tábua de cera para convocar o comandante da coorte e ter com ele uma pequena conversa. Era pouco provável que o centurião Hortênsio aceitasse de boa vontade um tão grande número de homens incapazes para o serviço. Vespasiano conhecia bem a reputação do sujeito, de comandar os homens de forma selvática; embora aprovasse a disciplina firme, não aceitaria crueldade e dureza desnecessárias. Suspirou. Não seria uma reunião fácil. A maior parte dos legados serviam apenas alguns anos, e poderia parecer presunçoso da parte de Vespasiano dar um sermão sobre disciplina a um centurião de muito mais vasta experiência. Mas não podia deixar que o homem abusasse dos homens que comandava, se era essa a razão para a inflacionada lista de doentes. E se não era essa, então qual era? Fosse como fosse, Vespasiano tinha que saber, e enfrentar o problema.

Lançou um rápido olhar sobre os últimos inventários de provisões e equipamentos, aprovou-os com um rápido traço da agulha e atirou-os ao escrívão.

— Arquiva-os. Temos falta de pontas de dardos — põe isso na nossa próxima requisição de material.

— Sim, senhor.

A seguir, Vespasiano leu o último despacho chegado de Caleba. O centurião Macro relatava que tinha conseguido suficientes homens de valor para constituir duas coortes. O treino tinha-se iniciado e, apesar das dificuldades linguísticas, os instrutores romanos faziam bons progressos

na preparação dos homens de Vérica. Vespasiano tinha recebido uma cópia da mensagem enviada para Caleba que autorizava Macro a armar as coortes nativas, e ainda estava admirado pela rapidez com que o General tinha concordado com essa medida. Embora Pláucio estivesse desesperado por reforços que permitissem proteger as linhas de abastecimento a sul do Tamisa, não era prática comum ou sequer bem vista a criação de unidades para actuarem na província de origem. Tinha havido ocasiões no passado em que aliados tribais, supostamente leais, se tinham virado traiçoeiramente contra os seus amigos Romanos. Apesar da óbvia afeição e apreciação que Vérica sentia por tudo o que era romano, não se tinha completamente libertado dos seus modos bárbaros. Vespasiano redigiu rapidamente uma resposta para Macro, felicitando-o pelos seus esforços e pedindo-lhe que lhe relatasse imediatamente qualquer sinal de deslealdade que pudesse surgir entre os Atrébatas.

— Uma cópia para os arquivos, e depois mandem isso para Caleba logo que amanheça.

— Sim, senhor.

Por fim, o legado debruçou-se sobre os relatórios com informações recolhidas em diversas fontes. O pequeno grupo de cavaleiros que acompanhava a legião desempenhava tarefas de batedores, mensageiros e reserva de cavalaria de último recurso. Tinham patrulhado o terreno à volta do forte, e os relatórios dos comandantes de esquadrão forneciam informação detalhada sobre a geografia local, que era cuidadosamente adicionada aos mapas que os escrivães de Vespasiano preparavam. Além disso, os batedores também referiam a existência de quaisquer povoações nativas que encontrassem. Os habitantes locais eram pagos ou espancados para que fornecessem informações sobre as movimentações inimigas que tivessem testemunhado.

Vespasiano inclinou-se sobre a mesa para ler com mais atenção os últimos relatórios. Voltou a um relatório mais antigo, que parecia confirmar a suspeita que crescia no seu espírito. Não podiam ficar grandes dúvidas. O inimigo estava a concentrar forças a norte, mas nesta margem do Tamisa. Pior, alguns dos locais afirmavam terem visto Carátaco em pessoa entre as colunas inimigas que chegavam à área. No entanto, o último despacho do General informava Vespasiano de que o corpo principal do exército inimigo se encontrava à frente de Pláucio e das suas três legiões.

Vespasiano coçou o queixo e fez uma careta. O que estaria o astuto Carátaco a preparar agora?



X

Enquanto examinavam os seus novos equipamentos, os Atrébates enchiam o depósito com conversas excitadas. Macro e Cato tinham passado toda a manhã com o responsável pelos equipamentos, na sua secretária no edifício de comando, anotando cuidadosamente as marcas de identificação de cada peça que deixava os armazéns para ser distribuída aos nativos. Silva tinha alcançado o posto que ocupava graças a uma mente ordenada, e ao facto de documentar cada passo; noutra vida, teria sem dúvida dado um advogado competente. Cada um dos Atrébates tinha recebido espada, bainha, cinturão, botas, túnica, capacete e escudo, tudo vindo dos inesgotáveis armazéns de equipamento. Não havia armaduras de substituição, e os escudos eram do formato oval, geralmente atribuído às tropas auxiliares, e não rectangulares, como os que usavam os legionários. Ter-lhes-iam sido fornecidos dardos, mas algum cretino de um escrivão em Rutúpias tinha-se esquecido de enviar os pinos de fixação junto com as pontas de ferro e as hastes.

— Esperem até eu descobrir quem foi o cabrão do responsável por isto! — Rosnou Macro. — Juro que lhe prego os tomates ao solo assim que encontrar essas estacas.

Cato mostrou que concordava com a ideia do outro centurião.

— Não tenho nada a ver com isso. — Silva encolheu os ombros, com toda a certeza de alguém que sabe que pode provar uma afirmação do género. — Deve ter sido um erro dos escrivães do Quartel-General. Os pinos estão provavelmente algures no depósito, com um rótulo errado. Vou pôr a minha malta à procura deles.

Macro acenou, satisfeito.

— Bom, creio que podemos pôr de lado por agora o treino com dardos, e continuarmos a concentrar-nos no básico. E os estandartes, estão prontos?

Cato assentiu.

— O que é que usaste?
— O Tincómio arranjou umas cabeças esculpidas, estavam numa parede.

— Onde?

— Bem, ele disse que o Vérica não lhes ia sentir a falta.

— Ah, muito bem, sim senhor.

— Bom, seja como for, temos uma cabeça de lobo e outra de javali. De facto, é uma cabeça de porco. Pus-lhe umas estacas de tenda a fazer de presas, e mandei dourar as cabeças. Estão bonitas. Montei-as num par de estandartes de cerimónia e pintei Atrébates I e II nos pendentes de cabedal.

Macro lançou-lhe um olhar frio.

— Usaste estandartes de cerimónia?

— Estava com pressa.

— Mas foram tocados pela própria mão do Imperador. — Macro estava escandalizado. — Merda! Se isto se sabe...

— Se não disser nada, eu também não digo.

Macro lutou para controlar a zanga.

— Cato, juro-te, se não estivesse ainda a recuperar dessa maldita ferida, dava-te uns bons pontapés... Bom — continuou em tom resignado —, vamos lá a ver como é que ficaram.

Cato guardou os documentos numa arca e seguiu o seu superior hierárquico para a parada. A cena era caótica, com os instrutores a percorrerem as fileiras a apertar fivelas e cordões, a mostrar qual era o lado em que se devia usar a espada, e a ignorar olímpicamente os que tentavam queixar-se por causa das botas.

Macro deu-lhes mais uns instantes para aprontarem o equipamento, e então inspirou profundamente.

— FORMAR!

Os recrutas já estavam rotinados; já não se fazia sentir a necessidade das marcas coloridas. Apressaram-se a ocupar as suas posições, alinhando-se com os comandantes de secção e ajustando automaticamente as linhas para se assegurarem que o espaço entre cada par de homens era o correcto. Cada centúria era composta por dez secções, e comandada por um legionário escolhido por Macro. E cada coorte tinha seis centúrias.

— E aqueles palhaços, quem são? — Macro apontou para pequenos grupos de guerreiros, dos dois lados da parada.

— Batedores montados, senhor.

— Batedores montados... hum, não lhes falta qualquer coisa?

Tincómio adiantou-se até ao lado de Macro.

— Vérica prometeu-nos cavalos. Devem estar cá amanhã.

— Está bem.

— E dei-lhe uma palavra sobre os estandartes. Achei que seria bom para o moral dos homens se lhes fossem entregues pelo rei em pessoa. Já avisei que estávamos prontos para a cerimónia. Ele deve estar a chegar.

— Isso seria muito agradável. — Concordou Macro, sem evitar o sarcasmo. — Alguma ideia sobre os candidatos a porta-estandartes?

— Bem, veio-me logo um nome à cabeça. — Disse Cato. — Bedríaco.

Tincómio não acreditou no que ouvira, e desatou a rir.

— Bedríaco?

— Porque não? Tu próprio disseste que ele é forte e nunca recua.

— Sim, mas...

— E assim não estraga a formação.

O argumento era de peso, e Tincómio acabou por concordar.

— Muito bem. — Continuou Macro. — Um já está. Fica na tua coorte, Cato. Quem mais?

— Bem, que tal o Tincómio para a sua coorte?

— Eu? — O príncipe atrébate pareceu pouco satisfeito. — Porquê eu, senhor?

— Macro precisa de um tradutor, não é verdade?

— Escusas de estar sempre a repetir. — Resmungou o outro centurião.

— É uma honra. — Lá conseguiu Tincómio afirmar.

— Pronto, essa questão está arrumada; e, uma vez que sou o oficial mais antigo, fico com a primeira coorte dos atrébetes, com o estandarte do javali.

Cato tocou-lhe no braço. — Senhor, o rei aproxima-se.

Vérica chegava a pé, vindo do portão principal. Seguiam-no alguns nobres atrébetes, envergando as suas melhores vestes. Fiéis ao espantante estilo celta, mostravam cores berrantes, padrões estranhos e ouro trabalhado. Os olhos de Macro foram imediatamente atraídos pela joalheria, conduzindo avaliações de forma automática.

— Ei, Cato — disse calmamente —, achas que os Durotriges se vestem da mesma forma?

Cato sorriu divertido, e empurrou Tincómio.

— Ele está a brincar. Vai buscar os estandartes. Estão no meu gabinete, ao lado da porta.

Enquanto Vérica passava lentamente em revista as fileiras dos seus homens, claramente impressionado pela visão dos guerreiros em uniforme, Tincómio correu até ao edifício do comando. Regressou num passo mais digno, com um estandarte em cada mão, apoiados nos ombros. Vérica terminou a inspeção e juntou-se a Macro e Cato.

— Os meus parabéns, Centurião Macro! Têm um aspecto formidável. — Baixou então a voz. — Mas conseguirão combater com tanta eficiência como formam? Na sua opinião profissional.

— São tão bons como quaisquer outros homens que já treinei. Mas nunca tive que preparar homens para o combate tão à pressa. A maior parte deles nunca se viu metido numa luta. — Macro encolheu discretamente os ombros. — Não posso dizer nada. Teremos que esperar e ver, senhor.

— Esperemos não ter de aguardar muito tempo. — Vérica sorriu. — Bom, então. Vamos lá à cerimónia.

O rei voltou-se para encarar as duas coortes, inspirou profundamente e começou a discursar. Cato ficou surpreendido pelo rico timbre da voz do rei, e apesar de não perceber todas as palavras, o discurso pareceu-lhe formidável. No seu auge, Vérica devia ser uma figura imponente entre os nativos. Mas havia algo de familiar no discurso, algo que Cato não conseguia localizar com precisão, e buscou entre a memória por um eco daquilo que sentia. Então fez-se luz no seu espírito; não havia nada de um dom natural naquela actuação, era apenas a aplicação da retórica grega a um contexto cultural diferente, e olhou para o rei dos Atrébates com um respeito renovado. Um homem de vastos talentos, e de profundos conhecimentos.

Vérica acabou de arengar às tropas, terminando numa voz que ressoava com a emoção. Cato apercebeu-se de que Tincómio, ao seu lado, olhava para o chão, sem qualquer expressão no rosto. Macro também o havia notado, e olhara para Cato com o sobrolho levantado. Cato, porém, tinha poucas dúvidas sobre o jovem príncipe dos Atrébates; também ele se sentia nervoso antes do seu primeiro combate. A batalha faz o homem. E ele sabia que Tincómio estaria à altura quando chegasse o momento.

Assim que Vérica concluiu, as tropas manifestaram a sua aprovação, empunhando as espadas e levantando-as no ar, de modo que a Cato pareceu que as duas coortes se encontravam debaixo de uma cobertura de lâminas flamejantes.

— E agora, por favor, os estandartes. — Pediu Vérica, sobre o ombro.

— Dá-mos cá! — Reagiu Macro, apercebendo-se de como seria ridículo que Tincómio passasse os estandartes ao rei, e logo a seguir recebesse um deles de volta. O príncipe atrébate entregou-os ao centurião e deu um passo ao lado quando Macro depositou nas mãos do rei a grossa haste com a cabeça de javali, com tanta formalidade quanto possível. Vérica empunhou-a e elevou-a bem ao alto, fazendo com que os homens se manifestassem ainda com mais entusiasmo. Quando a aclamação diminuiu de volume, Tincómio avançou e inclinou a cabeça perante o tio, antes de estender as mãos. O barulho reduziu-se, enquanto os homens esperavam para ver o

que se seguiria. Então o rei passou solenemente o estandarte para as mãos do sobrinho e, agarrando-o pelos ombros, deu-lhe dois beijos calorosos nas faces. Com o estandarte bem seguro em ambas as mãos, Tincómio virou-se e marchou para ocupar a sua posição à frente da Coorte dos Javalis.

Macro entregou então o estandarte com a cabeça de lobo ao rei, enquanto Cato ordenava:

— Bedríaco! À frente!

Durante um momento nada se moveu, até que o homem que estava atrás do caçador lhe deu um ligeiro empurrão. Bedríaco avançou então, marchando tão apurcado quanto conseguia à medida que se aproximava do rei. No momento em que o estandarte lhe foi passado, o duro rosto abriu-se num largo sorriso, os dentes irregulares a brilharem sob a luz do sol. Voltou-se para a Coorte dos Lobos e, num impulso, ergueu o estandarte bem alto, fazendo-o subir e descer. O ar encheu-se com uma nova vaga de entusiasmo sonoro, enquanto Bedríaco se dirigia para junto dos seus camaradas.

— Tens a certeza de que foi uma boa escolha? — Resmungou Macro.

— Como disse, ao menos não atrapalha os outros. E agora que lhe deram aquilo, parece-me que vão ter que o matar se lho quiserem tirar.

— Aí deves ter razão.

De repente, Cato apercebeu-se de que um homem com as roupas enlameadas furava por entre os nobres, aproximando-se do rei. Quando o alcançou, inclinou-se para se fazer ouvir acima das comemorações. Vérica escutou-o atentamente, e assim que o homem terminou enviou-o para outras tarefas. Virou-se para os dois centuriões, os olhos a brilhar de excitação.

— Parece que vão ter ocasião de descobrir do que são feitos os meus homens, mais depressa do que contavam.

Macro adivinhara o conteúdo da mensagem, e não conseguia disfarçar o seu entusiasmo.

— Os Durotriges andam por aí!

Vérica assentiu.

— O batedor avistou uma coluna de fumo a um dia a cavalo para o sul. Com certeza que se preparam para atacar a próxima coluna de abastecimentos.

— Pode apostar nisso. — A perspectiva de acção tinha apagado qualquer protocolo da mente de Macro. — Quantos são?

— Disse ele que não são mais de quinhentos. Infantaria, na maior parte, mas também alguns cavaleiros e carros de combate.

— Maravilhoso! — Macro esfregou as mãos, contente. — Simplesmente maravilhoso!



XI

— Acho que nunca vi melhor lugar para uma emboscada. — Disse Macro, de mãos na cintura, enquanto avaliava o terreno que circundava o vau. — E temos justamente o tempo necessário para preparar as coisas antes que caia a noite.

— Também achei que ia apreciar o sítio. — respondeu Cato, com um sorriso.

Estavam na orla de uma floresta que se estendia por uma pequena colina, e com eles encontrava-se Tincómio. Abaixo, o terreno descia até ao caminho que os Durotriges tomariam para preparar a emboscada ao comboio de abastecimentos. Do outro lado do caminho, o terreno tornava-se lamacento, descendo suavemente até ao rio. A pouco menos de um quilómetro para a direita, o rio aproximava-se do caminho, antes de se afastar numa curva gentil, criando um estrangulamento. À esquerda da posição que ocupavam ficava o vau, e do outro lado do rio o caminho subia até uma pequena crista no terreno. A última centúria da coorte que Cato comandava acabava de alcançar essa crista, e depressa deixou de se avistar. Cato tinha-lhes ordenado que atravessassem o rio um pouco mais a jusante, de forma a não deixarem marcas de passagem no outro lado do vau. A coorte de Macro estava escondida ao longo da linha das árvores, os batedores e os seus cavalos acoitados do outro lado da floresta, e preparados para avançarem em redor da colina e fecharem a armadilha. Tinham-lhes sido atribuídos os melhores cavalos dos estábulos de Vérica, e facilmente conseguiriam alcançar e derrubar quaisquer sobreviventes do embate principal.

— Só a nado é que aqueles cabrões podem ter hipótese de escapar desta. — Macro riu, e virou-se para Cato. — Como é evidente, não quero que te sintas obrigado a persegui-los pelo rio abaixo.

Cato corou.

— Ainda não tive tempo para aprender a nadar decentemente. Sabe bem disso.

— Só me pergunto se alguma vez terás tempo. Já vi gatos que gostavam mais de ir ao banho do que tu.

— Juro, um dia hei-de aprender, Macro.

— Não sabe nadar? — Tincómio estava espantado. — Pensava que todos os legionários sabiam nadar.

Cato presenteou-o com um sorriso amarelo.

— Acabas de conhecer a exceção que confirma a regra.

— Atenção! — Macro esticou o pescoço para a direita. Um batedor montado tinha surgido da curva por trás da colina e galopava pelo caminho, deitado sobre a crina dardejante do cavalo. Enquanto ele se aproximava, Macro e os outros correram pelo declive para o interceptar. O homem puxou as rédeas, fazendo o cavalo estacar com brusquidão. Falou muito depressa, mal respirando enquanto as palavras célticas lhe escorriam dos lábios. Quando terminou, Tincómio fez-lhe uma pergunta curta, e depois enviou-o para a cobertura da floresta. O batedor desmontou e levou o cavalo pela encosta, até desaparecer de vista.

— Bem? — perguntou Macro.

— Estão a uns quatro quilómetros daqui, e marcham em coluna, com alguns cavaleiros adiantados algumas centenas de passos. Cerca de quinhentos homens, como nos disseram.

— Cato, vais ter que tratar desses cavaleiros antes que eles consigam dar o alarme.

— Isso vai ser complicado.

— Eu encarrego-me deles. — Tincómio afagou o punho da sua adaga enquanto falava.

— Tu? — Foi a pergunta de Cato. — Porquê?

— Quero desferir o primeiro golpe em nome do meu povo.

— Não. — Macro abanou a cabeça. — Não estás treinado para esse género de coisa. Acabavas por nos denunciar. E além disso preciso de ti por perto, para traduzires.

O olhar de Tincómio dirigiu-se ao solo, e ele encolheu os ombros.

— Como desejar, senhor.

— Muito bem então, Cato — Macro deu-lhe uma palmada nas costas —, volta para junto dos teus homens. Sabes o que tens a fazer. Assegura-te de que os apanhamos nos dois lados do vau. Até depois.

Cato sorriu, virou-se e afastou-se a correr pela estrada, até ao vau, enquanto os outros dois subiam de novo para o esconderijo no meio das árvores. Depois de recomeçar com o exercício físico, a dor que sentia no corpo tinha-se intensificado, e a marcha rápida dos últimos dois dias, pelo meio do mato, para interceptar os Durotriges, tinha piorado as coisas.

Entrou pelos baixios junto à margem, e depois começou a atravessar

o rio, a passo. Saiu do outro lado a pingar, e correu pelo caminho na direcção da crista da colina baixa que acompanhava o rio também naquela margem. Na relva alta que cobria a outra encosta as centúrias já tinham formado numa linha paralela ao rio, conforme as ordens que emitira.

— Baixem-se! — gritou em céltico, e os Atrébatas agacharam-se e desapareceram de vista no meio das ervas.

— Bedríaco! Comigo!

O estandarte com a cabeça do lobo ergueu-se do solo, seguido de perto pela cara sorridente do caçador. Correu para o centurião, e Cato indicou-lhe que se devia abaixar, antes de correrem os dois de novo pela encosta acima. Ao alcançar a crista, Cato deitou-se de bruços junto ao caminho. Bedríaco juntou-se-lhe, depondo cuidadosamente o estandarte na erva. O centurião desapertou o capacete e pô-lo de lado; depois ergueu-se sobre os cotovelos e perscrutou o caminho do outro lado do vau. Por momentos os seus olhos foram atraídos para a linha das árvores, onde a coorte de Macro estava escondida, mas não viu nenhum movimento. Tudo estava preparado, e a paisagem parecia tão tranquila que com certeza não despertaria as suspeitas dos Durotriges, quando surgissem pela estrada.

O sol já estava próximo do horizonte, e as ervas já se tingiam com um leve tom alaranjado, ao mesmo tempo que soprava uma ligeira brisa, que agitava a fina vegetação. Ainda haveria luz do dia por umas horas, porém, e os Durotriges seriam aniquilados antes que pudessem escapar graças à escuridão.

Devia ter passado perto de uma hora quando os batedores avançados da coluna inimiga surgiram a uns oitocentos metros do vau. Durante todo esse tempo, Bedríaco tinha-se mantido perfeitamente imóvel. Apenas os olhos se moviam, perscrutando a paisagem sem cessar, e a confiança de Cato no caçador começou a aumentar. Sentiu o ligeiríssimo toque de uma mão no seu braço, e olhou para Bedríaco. Este acenou ligeiramente na direcção da estrada, e os olhos de Cato buscaram por instantes até se fixarem nas figuras distantes. Dois cavaleiros, lado a lado, aproximavam-se lentamente, fazendo a curva em torno da colina. Notava-se que avançavam com cautela extrema, olhando em redor enquanto se aproximavam do vau.

— Bedríaco... — Disse Cato baixinho.

— *Sa?*

Cato apontou para os batedores e fez um gesto com o dedo sobre a garganta; depois indicou o caminho, mesmo abaixo da crista. Bedríaco fez o seu sorriso meio desdentado e assentiu, deslizando para mais longe de Cato e escondendo-se atrás de um tufo de ervas espinhosas, mesmo ao lado da estrada. Então imobilizou-se de novo.

Olhando cautelosamente através das ervas, Cato observou os bate-

dores a levarem os cavalos a passo até ao vau, a não mais de cem passos de distância. Pararam e trocaram algumas palavras, fazendo gestos em direcção à força principal. Depois os dois homens desmontaram e levaram as montadas até aos baixios atapetados por seixos. Enquanto os cavalos baixavam os focinhos e bebiam da corrente preguiçosa, um dos batedores avançou alguns passos para jusante, desapertou os atilhos que lhe prendiam as calças e deixou sair um longo arco dourado de urina, enquanto soltava um ruído de satisfação que se espalhou pela paisagem até chegar aos ouvidos de Cato. Quando terminou, o homem deixou-se estar a contemplar o rio por um instante, e depois puxou as calças para cima e voltou a apertá-las. Regressou à margem, sentou-se ao lado do companheiro e lançou o olhar para a outra banda. Cato forçou-se à imobilidade. O Sol estava já muito baixo e nas costas dos batedores Durotriges, portanto a crista estava bem iluminada e qualquer movimento seria facilmente notado. Mas, enquanto o tempo passava, os batedores não mostraram sinais de suspeitarem do que quer que fosse.

Algo fαιscou à distância, e Cato dirigiu o olhar para além dos dois homens. Uma coluna de carros de combate bretões avançava aos solavancos pela estrada, e a luz baixa reflectia-se nos elmos de bronze polido dos guerreiros que os conduziam, de pé nas pequenas plataformas por cima dos eixos. Catorze carros apareceram, antes de surgir a vanguarda da infantaria inimiga. Com o Sol mesmo por trás deles, Cato teve que semicerrar os olhos para se aperceber dos pormenores do equipamento que traziam. O seu coração alegrou-se quando compreendeu que a maior parte deles trazia armas ligeiras e apenas um pequeno número usava capacete. Traziam os escudos às costas, e uma variedade de armamento, geralmente espadas e lanças, além dos grandes sacos onde transportavam as suas rações. Na retaguarda da desorganizada coluna vinha um pequeno grupo de guerreiros com equipamento pesado, e atrás deles uma vintena de cavaleiros. Nada que os Atrébates não conseguissem enfrentar, desde que se lembrassem do treino que tinham tido e mantivessem a formação.

Assim que se aperceberam da aproximação da coluna, os batedores colocaram-se de pé, montaram, e atravessaram o vau. Cato escondeu a cabeça, virou-se para Bedríaco e emitiu um silvo. Os olhos do caçador encontraram-se com os dele, e o outro acenou. Cato colocou o capacete e apertou-o nervosamente, antes de voltar a mergulhar na erva. Ouviu as vozes dos batedores, conversando alegremente no seu cantado dialecto céltico, despreocupados. Sob o timbre agudo das vozes ouvia-se o bater dos cascos no caminho, e o resfolegar de uma das montadas. À medida que se aproximavam, Cato sentia o coração a bater cada vez com mais força e, surpreso, reparou que a dor no dorso tinha desaparecido. Libertou a espada

da bainha, e segurou o escudo com determinação. Os sons dos batedores inimigos eram agora tão distintos que ele supôs que não podiam estar a mais de alguns passos. Porém, o tempo parecia esticar indefinidamente; observou uma abelha a pairar junto à sua cabeça, com um halo laranja, provocado pelo sol que se escondia no horizonte.

Depois, sombras projectaram-se sobre as longas ervas, à medida que os dois Durotriges começaram a atravessar a crista. Não podiam com certeza deixar de o avistar agora. E se não a ele, notariam seguramente Bedríaco, ou as centenas de homens que se escondiam na encosta mais abaixo. Mas, nesse momento, Cato apercebeu-se de que a sua coorte estava nas sombras. E levaria ainda algum tempo até que os olhos dos batedores se habituassem à penumbra, depois de subirem a encosta batida pelo sol desde o vau. Ouviu-os a passarem pela posição que ocupava. Deviam estar quase sobre Bedríaco. A mente de Cato acelerou. Porque raio é que o caçador não atacava? O que...

Ouviu-se uma exclamação vinda da estrada, um relincho de um cavalo, um homem a inspirar fundo preparando-se para gritar, e depois o som de um corpo a ser derrubado. Quando Cato se ergueu sobre os joelhos já tudo estava acabado. A poucos metros de distância, Bedríaco amparava um dos corpos enquanto este deslizava de cima do cavalo. O homem já estava morto: o punho de uma faca projectava-se abaixo do queixo, a lâmina cravada até ao cérebro. O companheiro ainda se mexia na erva, o sangue a sair em golfadas da garganta cortada, e a espalhar gotas escarlates pelos rebentos à volta. Depois o homem imobilizou-se.

Bedríaco soltou a faca do crânio do primeiro inimigo e limpou-a no longo cabelo do morto, enquanto olhava para o centurião. Cato acenou em aprovação e apontou para os cavalos, que se mostravam nervosos e com vontade de fugir devido ao choque da aparição súbita do caçador. Aproximando-se lentamente, Bedríaco murmurou palavras calmas e afaçou os sedosos flancos dos animais, até que conseguiu agarrar as rédeas.

— Para trás. — Sussurrou Cato em céltico.

O caçador assentiu, deu um estalo com a língua, levou os animais pelo caminho, passando pelas centúrias dissimuladas na erva, e soltou-os. Fosse qual fosse a magia que ele tinha exercido sobre os animais, continuou a fazer efeito, já que os cavalos se deixaram ficar calmamente a mordiscar os rebentos que cresciam ao lado da estrada. Bedríaco regressou para junto de Cato, recuperando o estandarte e colocando-se ao lado do seu comandante.

O ruído das rodas no outro lado do vau era agora claramente audível, e na altura em que escutou o som de água a ser pisada, Cato virou-se para a encosta e, com as mãos em concha, gritou tão alto quanto se atreveu:

— Coorte! De pé!

Quase quinhentos homens se levantaram entre as ervas, silenciosamente, os escudos ovais de tropas auxiliares firmemente empunhados. Os sons vindos do vau aumentaram de volume, à medida que a infantaria inimiga começou a atravessar o rio. Já não se escutava o som produzido pelos carros. Deviam ter parado, como Cato supusera que fariam. O vau era um local perfeito para os Durotriges instalarem um acampamento para passar a noite; quase escondido no meio da paisagem, em terra firme, mas com água disponível para os homens e para os cavalos.

— Empunhar espadas! Preparar para avançar!

Cato virou-se para Bedriaco.

— Fica aqui.

O caçador assentiu, e Cato subiu o caminho, agachado, esticando o pescoço para apreciar a situação junto ao vau. Metade da coluna inimiga já tinha atravessado. Os condutores dos carros de combate já estavam a saltar os cavalos, enquanto os guerreiros que os acompanhavam estavam em grupo junto ao rio, ao redor de um homem baixo, forte como um touro e de tranças louras, que distribuía ordens para a noite. Enquanto olhava para os seus homens, imobilizou-se repentinamente, com os olhos na direção precisa em que Cato se encontrava. Tinha avistado a crista vermelha no topo do capacete do centurião, que os raios do sol poente iluminavam brilhantemente.

— Merda! — Furioso, Cato bateu com a espada na perna. Levantou-se, tornando-se assim perfeitamente visível para todos os homens que se encontravam junto ao vau. Uma onda de alarme espalhou-se pelas fileiras dos Durotriges. Os homens que ainda atravessavam o rio estacaram ao avistar a figura na crista distante, cuja armadura resplandecia sob a luz do sol.

— Coorte! — Cato bradou a ordem. — Avançar!

As seis centúrias de Atrébatas marcharam pela encosta acima, esmagando a relva no seu caminho. Ao alcançarem a crista saíram das sombras e formaram uma linha de vermelho brilhante ao longo do cimo da colina, com a cabeça de lobo dourada a refulgir no topo do estandarte, como se estivesse em chamas. Lá em baixo, o chefe da coluna inimiga tinha rapidamente recuperado do choque, e berrava ordens. Os condutores já tentavam desesperadamente voltar a atrelar os cavalos. A infantaria retomou a marcha, espalhando-se pela margem e esperando ansiosamente a aproximação da linha de escudos inimigos.

Para lá do vau, Cato apercebeu-se de movimentos na orla da floresta, e depois viu Macro e a sua coorte a descerem a encosta e a formarem no caminho, fechando a armadilha para os Durotriges. Estes não se aperceberam

imediatamente da situação, tão concentrados estavam na visão das fileiras vermelhas dos homens de Cato que desciam a encosta na sua direcção. Mas então ouviram-se mais gritos, braços apontaram, e mais e mais cabeças se viraram para ver o que se passava no outro lado do rio. Um lamento de desespero e terror ergueu-se da massa desorganizada de homens, cavalos e carros.

Cato refreou o passo até ocupar o seu lugar na linha da frente da corte, com Bedriaco logo atrás. Os Durotriges estavam agora a menos de vinte passos, uma massa de vultos escuros cujas silhuetas se recortavam contra o brilho do rio. Colocando o escudo em posição à sua frente, Cato ergueu a espada para o ataque.

— Lobos! À carga!

Com um rugido, a linha Atrébate lançou-se em corrida nos últimos metros da descida e embateu contra a confusa massa inimiga, com um som de esmagamento. Logo o ar se encheu de gritos de agonia e dos sons metálicos do choque de armas. O centurião usou o escudo para empurrar a massa humana, golpeando com o gládio pela fresta existente entre o seu escudo e o do guerreiro imediatamente à direita. A lâmina encontrou algum alvo, começou a torcer, e Cato forçou-a a penetrar. Ouviu o homem a gemer quando perdeu o fôlego, e então o romano puxou a espada de novo para si, um repuxo de sangue sujando-lhe o punho e o braço. À sua direita, o guerreiro atrébate lançava o seu grito de guerra enquanto atingia um inimigo na cara com o escudo e o acabava com uma estocada ao pescoço. Por momentos o orgulho invadiu Cato, por ver que o intenso treino dos últimos dias tinha resultado e que estes celtas estavam a combater como romanos.

Voltou a usar a espada, sentiu que o golpe era desviado, e pôs o seu peso por trás do escudo, consciente de que a linha dos Atrébatas continuava a avançar de ambos os lados. Mesmo assim, era preciso manter o impulso da carga inicial. Avançar sempre, até o inimigo ser destroçado.

— Lobos, em frente! — Gritou Cato, a voz esforçada, quase histérica.
— Para a frente! Vamos! Vamos!

Os homens que o rodeavam juntaram as suas vozes ao brado, e os gritos de pânico e terror dos Durotriges deixaram de se ouvir. Apercebendo-se de um corpo aos seus pés, Cato levantou cautelosamente o pé antes de o pousar do outro lado e preparar o golpe seguinte.

— Romano! — gritou Bedriaco mesmo atrás dele, e Cato sentiu o corpo que julgava inanimado a mover-se contra a barriga da sua perna. Mal teve tempo de olhar para baixo e avistar os dentes descobertos do guerreiro durotrige enquanto este se levantava do solo com uma adaga na mão. Então o homem gemeu, estremeceu e caiu de novo, a ponta aguçada

do estandarte dos Lobos a surgir no seu peito, logo abaixo do pescoço.

Não havia tempo para agradecer ao caçador, e Cato prosseguiu, rechaçando os Durotriges na direcção do vau. Sobre as cabeças agrupadas avistou a outra coorte, que atacava a retaguarda da coluna inimiga, enfrentando os cavaleiros que a compunham e liquidando-os antes que se lembrassem de fugir.

De repente um vulto enorme destacou-se dos durotriges na frente do centurião: um guerreiro experiente, com uma cota de malha sobre uma túnica leve. A espada estava erguida sobre a cabeça, e a longa lâmina faiscou ao sol quando atingiu o cimo do arco que descrevia. Quando ela desceu, Cato lançou-se sobre o corpo do inimigo, usando o gládio para lhe atacar o peito exposto. Ficou preso na cota e não penetrou, mas o homem arfou quando o golpe lhe expeliu o ar dos pulmões. O golpe que executava pouco foi afectado, mas o centurião estava demasiado próximo, e a lâmina passou-lhe sobre o ombro; só o punho o atingiu pesadamente no lado do capacete, destruindo a crista de pelo de cavalo. Cato mordeu a língua, enquanto a sua visão era dominada por uma explosão de brancura que quase o cegava por um instante, e ele caía pelo solo.

Ouviu um grito, sacudiu a cabeça e pestanejou, e a sua visão clareou. O guerreiro inimigo estava caído por cima dele, o crânio rachado ao meio. Cato olhou para cima, e viu Artax. Os olhos dos dois homens encontraram-se, e a espada do bretão subiu na direcção da garganta de Cato. Durante um breve instante os olhos de Artax estreitaram-se e, com um arrepião, Cato sentiu-se certo de que o outro lhe ia aplicar um golpe mortal e se vingaria ali, no calor da batalha, em que a morte do jovem centurião seria facilmente compreendida. Quando se preparava para tentar desviar-se da lâmina de Artax, o Atrébate sorriu e abanou a ponta da espada, trocista. Depois virou-se e desapareceu, envolto pela massa de homens que avançavam para esmagar os Durotriges.

Cato sacudiu a cabeça, colocou-se de pé, e avançou também. Notou que chapinhava na água, e apercebeu-se de que a carga da Coorte dos Lobos tinha empurrado o inimigo até ao vau. Mais um esforço e o combate estaria terminado. Até já conseguia ouvir Macro, bramando gritos de triunfo e de batalha enquanto destroçava a retaguarda da coluna inimiga. E já conseguia ver os escudos e as túnicas vermelhas da outra coorte, através das desgarradas fileiras dos Durotriges que o enfrentavam. Um deles encarou Cato de repente, atirou a espada para o rio e ajoelhou, implorando clemência. Antes que o centurião pudesse decidir o que fazer, o guerreiro atrébate que seguia à sua direita cravou a sua espada no peito do homem. Cato olhou em redor e apercebeu-se de que mais e mais dos inimigos baixavam as armas e tentavam render-se, um gesto vazio naquelas circunstâncias. Os Atrébatas,

enlouquecidos à vista do sangue dos Durotriges, continuavam a abatê-los sem piedade.

— Parem! — Gritou Cato, tentando desesperadamente fazer-se ouvir acima do clamor da batalha. — Coorte dos Lobos! Alto! PAREM!

Quando o guerreiro à sua direita se preparava para fazer mais uma vítima, Cato deu-lhe uma pancada com a face da espada no braço, fazendo o homem largar a sua própria arma.

— Basta!

Os Atrébates recuperaram lentamente a calma, enquanto os oficiais romanos davam ordens para acabar com a carnificina. Os Durotriges sobreviventes tinham-se lançado ao solo, ou escapado para águas mais profundas, para escapar aos terríveis golpes das espadas curtas, e esperavam o destino mergulhados até ao peito na corrente ensanguentada.

— Cato! Cato, miúdo! — Era Macro que se aproximava, sorridente e coberto de sangue. Ao seu lado, empunhando o estandarte dos Javalis, estava Tincómio, com um golpe no braço. — Conseguimos!

Mas Cato olhava para jusante, onde um pequeno bando de Durotriges escapava pela margem.

— Ainda não, senhor. Repare!

Macro olhou para a área que Cato apontava.

— Muito bem, põe ao teus homens atrás deles. Eu arrumo as coisas por aqui.

Cato virou-se, correu pela água até sair do vau, evitando tropeçar nos corpos semi-submersos. Chegado ao caminho, puxou Bedríaco do meio da confusão, e pôs a mão em concha para gritar:

— Lobos! Lobos! Comigo!

Os comandantes das centúrias obedeceram imediatamente, apresentando-se a correr, mas os Atrébates já se entretinham com o saque aos corpos dos inimigos.

— Lobos! — Voltou Cato a gritar.

— O que diabo estão eles a fazer? — Perguntou Fígulo. — Oh não...

Cato virou-se e avistou um dos seus homens, de pé sobre um corpo inimigo, segurando-o pelo cabelo com uma mão enquanto cortava os últimos tendões do pescoço com o seu gládio. Olhando à volta, Cato apercebeu-se de que todos estavam entretidos com aquela actividade. Olhou outra vez para os Durotriges que escapavam.

— Centurião Cato! — Berrou Macro, ainda no vau. — De que diabo está à espera? Atrás deles!

Cato correu até aos seus homens, agarrou o guerreiro mais próximo pelo braço e empurrou-o na direcção dos Durotriges.

— VAMOS! MEXE-TE!

Alguns levantaram os olhos, viram o que ele apontava e lançaram-se atrás do inimigo, encaixando as cabeças cortadas debaixo dos braços.

— Foda-se! — Explodiu Cato. — Deixem a merda das cabeças para depois!

Ignoraram-no, mas ao menos iniciaram a perseguição pela margem. Cato deteve um dos homens e, com uma cara ameaçadora, arrancou-lhe a cabeça das mãos. O guerreiro Atrébate rosou um aviso e ergueu a espada em jeito de ameaça.

— Tincómio! — Berrou Cato, mantendo o outro debaixo de olho. — Chega cá!

O nobre atrébate furou por entre os homens e aproximou-se.

— Diz-lhes para deixarem as cabeças em paz.

— Mas é uma tradição.

— Que se foda a tradição! — Exclamou Cato. — Os Durotriges estão-se a escapar. Diz aos nossos que larguem as cabeças e os persigam.

Tincómio gritou as ordens de Cato à coorte, mas a única reacção foi um murmúrio zangado. Por esta altura já os Durotriges tinham um avanço de quase quinhentos metros, e desapareciam por entre a escuridão que se adensava.

— Muito bem — Continuou Cato, desesperado —, diz-lhes que podem ficar com as cabeças que já têm. E prometo que voltamos para apanhar as outras.

Satisfeitos com a promessa do seu comandante, os Lobos deixaram os cadáveres mutilados e os poucos prisioneiros ao cuidado dos seus camaradas da Coorte dos Javalis. Liderados por Cato, que levava Bedríaco junto a si, e com as cabeças debaixo dos braços, começaram a perseguir os Durotriges.

Os inimigos que tinham escapado eram sobretudo pessoal das carroças, e o equipamento pesado que transportavam atrasava-os. Apesar do avanço que levavam a distância foi diminuindo gradualmente, já que Cato impôs um ritmo rápido, embora olhasse constantemente para trás, para se certificar que os homens o acompanhavam. Os que não transportavam os macabros troféus mantinham-se a par, ansiosos por obter o seu quinhão de glória no combate. Os outros arrastavam-se com os escudos, as espadas, e uma ou mais cabeças.

Não havia nenhum trilho na margem do rio, e os durotriges abriam caminho pelo mato, lutando pelas suas vidas, liderados por um homem de tranças. Alguns estavam feridos, e começaram a ficar para trás.

Por fim, Cato estava quase a alcançar o inimigo mais atrasado. O coração batia-lhe desenfreadamente enquanto se forçava a correr mais depressa e se preparava para cravar a espada entre as omoplatas do homem.

Quando pouco mais de três metros os separavam, o bretão olhou para trás, e os seus olhos arregalaram-se de terror. Por causa disso, não se apercebeu da cova devida ao desmoronamento de parte da margem, e tropeçou, caindo no solo, à mercê de Cato. O centurião mal se deteve, o tempo suficiente para o trespassar, e continuou a perseguição.

Vários outros retardatários foram assim liquidados, e os homens da Coorte dos Lobos continuaram a aproximar-se do último grupo de Durotriges, enquanto a luz do dia que se extinguia projectava as longas sombras dos homens em corrida nas ervas da margem do rio. Por fim, o inimigo apercebeu-se de que a fuga não ia ter sucesso, e o líder deu uma ordem aos sobreviventes. Pararam de correr e enfrentaram os perseguidores, juntando-se, com os peitos a arfar do esforço da corrida.

Cato e os seus homens estavam igualmente cansados quando cercaram a vintena de guerreiros que formavam um semi-círculo, as costas contra o rio. Os inimigos eram claramente soldados experimentados e, mesmo sabendo que o fim se aproximava, preparavam-se para levar consigo o maior número de Atrébates que pudessem.

Cato tentou ainda assim oferecer-lhes uma oportunidade de sobrevivência. Apontou para o líder e fez sinal com a mão.

— Desistam. — Disse em céltico, ofegante. — Larguem as armas.

— Vai-te foder! — O líder inimigo escarrou no solo, antes de gritar algo de ininteligível a Cato. Fosse o que fosse, deu aos Atrébates uma desculpa para atacarem, e eles lançaram-se sobre os inimigos numa onda vermelha. Cato seguiu-os, enquanto ao seu lado Bedríaco soltava um grito de guerra. O entroncado chefe do bando empunhou a espada com as duas mãos, fazendo-a descrever um longo arco, e o mais afoito dos Atrébates na conquista da honra de o matar foi quase cortado ao meio quando a pesada arma lhe destroçou o escudo, amputou o braço, e se cravou no tronco. Outros Atrébates, com armas ligeiras, caíram aos pés do pequeno grupo de guerreiros Durotriges, mas o resultado final da escaramuça nunca esteve em dúvida. Um a um os Durotriges foram sendo derrubados, e aniquilados no solo. Por fim só o líder restava, exausto e coberto de sangue.

Cato enfrentou o homem das tranças, levantando o escudo e preparando a espada para a investida final. O seu oponente avaliou o esquálido romano, e fez soar o seu desdém. Tal como Cato esperava, lançou um golpe com a sua grande espada para tentar cortar o Romano em dois. O centurião lançou-se para a frente e para baixo, atingindo-o nas pernas. O homem caiu sobre as costas de Cato, mesmo aos pés de Bedríaco. Com um grito selvagem de triunfo, o caçador enterrou a sua espada no crânio do inimigo, com um ruído surdo. O corpo estremeceu, e ficou imóvel.

Enquanto Cato se levantava pesadamente, Bedríaco cortava o pesco-

ço do chefe inimigo morto. Era uma tarefa difícil, e Cato virou a cara, olhando para o vau, quase a um quilómetro de distância. Estava tão cansado que cada inspiração era uma agonia, e sentia-se um pouco tonto. Quando olhou outra vez, Bedriaco tentava amarrar a cabeça ao estandarte, pelas tranças.

— Não! — Gritou zangado. — Na porra do meu estandarte, nem penses!